

6 O PROCESSO DE DESAGREGAÇÃO – OS TRAUMAS E AS SEQUÊLAS DA RACIONALIDADE TOTALIZADORA – DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX AOS TEMPOS ATUAIS – DESCONTINUIDADES E PERSISTÊNCIAS

6.1 Neutralização da Diferença e Tragédia: As Lesões no Humano e A Culpa pelo Existir

A imensa crise civilizatória que tomou lugar a partir do final do século XIX, e na qual ainda se encontra mergulhado o mundo atual, resultou, como percebe com acuidade SOUZA⁴¹⁵, de uma tentativa violenta de “domesticação da diferença”, de um processo histórico que teve por objetivo a “compreensão apropriativa” da diferença. Este curso, infelizmente ainda não findo, partiu da premissa (havida como condição de todo o conhecimento) da identificação do conhecido consigo mesmo, ou seja, proveio do esforço de “equalização” do diferente. Tal processo identificatório repousa na “segurança” da capacidade racional do homem, dir-se-ia, no *logos*. Este foi utilizado, em toda a sua força, com o intuito de neutralizar a diferença, portanto violentamente.

De acordo com SOUZA⁴¹⁶, o vigor empregado pelo homem na superação da diferença abarcou a subordinação do mundo a uma lógica e linguagem que, proposta como única possibilidade (ou como “verdadeira” possibilidade) de abordagem do “real”, determinou

⁴¹⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. “Da neutralização da diferença à dignidade da alteridade: estações de uma história multicentenária” in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 192.

⁴¹⁶ As vias encontradas pelo homem para promover, ao longo da história, o processo identificador – que ora são discutidas na presente pesquisa – foram desveladas por SOUZA, Ricardo Timm de. “Da neutralização da diferença à dignidade da alteridade: estações de uma história multicentenária” in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, pp. 193-200.

também o “não-ser” (o “irreal”). Ainda, a tentativa de superação da diferença exigiu o escamoteamento da temporalidade, providência tomada de imediato pelo homem no afã de salvar seu sistema “lógico e completo”. Daí os mais variados ataques a tudo o que pudesse representar movimento, pois em sua presença as categorias estanques se tornam insuficientes para dar conta do “real” formalmente estipulado: como anota SOUZA, cada categoria necessitaria ser reinventada, outras precisariam ser criadas, a univocidade do conceito estaria perdida, e, “supremo desespero”, cada generalização, indução ou dedução restaria condenada aprioristicamente ao fracasso. O tempo, que rói a completude e a segurança, necessitou ser fixado.

O autor aponta uma terceira tática fundamental ao processo de inofensibilização da diferença levado à cabo pelo homem: a “*objetificação-neutralização*” do real, que seria uma “*forma de emprestar legitimidade às lógicas da postulação absoluta do ser enquanto realidade e da temporalidade enquanto não mais que ‘pré-realidade’*”⁴¹⁷. A forma de manifestação desta “objetificação” do real ao longo da história foi a naturalização, em cada época, de categorias-chave que “justificavam” a “*des-diferenciação*”. Se um determinado quadro cultural entrava em crise, a ponto de colocar em dúvida uma categoria-chave, e de ameaçar a segurança do sistema, “*a inteligência guardiã do grande impulso neutralizante localizava uma substituta à altura*”, pois, como é manifesto, “*o grande horror da consciência ocidental é se ver às voltas com a realidade sem as chaves compreensivas que a própria cultura recria contantemente*”⁴¹⁸.

⁴¹⁷ SOUZA, Ricardo Timm de. “*Da neutralização da diferença à dignidade da alteridade: estações de uma história multicentenária*” in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 199.

⁴¹⁸ SOUZA, Ricardo Timm de. “*Da neutralização da diferença à dignidade da alteridade: estações de uma história multicentenária*” in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 200.

Contudo, a corrosão desse grande projeto racional totalitário, do qual cuida a presente pesquisa, pôde ser sentida a partir do reingresso da temporalidade no pensamento de um número cada vez maior de pessoas. Não foi mais possível ignorar a aceleração, que fez a ciência e as artes transformarem-se profundamente, modificando, por conseguinte, a cosmovisão dos indivíduos, e espalhando, junto com as novidades e melhoramentos, o medo, a consciência da falta de controle sobre os eventos, e a desorientação advinda de uma crise de referências. Mas a totalidade⁴¹⁹, mesmo em processo de desagregação⁴²⁰, proveu veementes mostras de sua violência através dos acontecimentos catastróficos que tomaram lugar ao longo de todo o século XX. Do que restou do homem, Francis Bacon (1909-1992) foi testemunha.

Assinala FICACCI⁴²¹ que “*provavelmente nenhum outro artista do século XX tenha expressado com sua pintura a tragédia da existência humana com tanto realismo como Francis Bacon*”. Mas este realismo não significa a representação de aparências ou episódios concretos, senão a violência da própria experiência de existir naquele tempo, que é sentida a partir de todo o corpo humano e não somente através da visão. A intensidade do impacto da obra de Francis Bacon no espectador é evidente, pois o coloca em contato com uma

⁴¹⁹ Expressão utilizada na acepção proposta por Ricardo Timm de SOUZA: a totalidade é o resultado dos esforços de totalização (que significam os processos utilizados para neutralizar o poder desagregador do Diferente). SOUZA, Ricardo Timm de. **Totalidade & Desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, p. 18. Esta noção de totalidade foi colhida da obra de Emmanuel Levinas, como informa o filósofo ao tratar da “razão ética” levinasiana. SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 169.

⁴²⁰ Tomou-se emprestado o termo “desagregação” de Ricardo Timm de SOUZA, que o cunhou para denominar a fragmentação de pensamento e de sentido – verdadeira crise civilizatória – que tomou lugar entre os últimos anos do século XIX e a primeira metade do século XX, desestabilizando o que o filósofo entende por “totalidade” (esta resultado dos processos tendentes a “neutralizar o poder desagregador do Diferente”). SOUZA, Ricardo Timm de. **Totalidade & Desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996, pp. 18-19. Acredita-se que embora a totalidade tenha sofrido duros golpes no período compreendido entre o final do século XIX e início do XX, o processo de desagregação ainda não se completou: ao contrário, a racionalidade totalitária continua predominando na atualidade sobre as demais formas de pensar.

⁴²¹ FICACCI, Luigi. **Bacon**. Traduzido por RIBES, Carme Franch. Köln: Taschen, 2003, p. 07.

inextricável mescla de angústia, desespero, violência, sentimento de desinstalação, busca de amor, animalidade e degradação que esboça o indivíduo do pós-guerra. Assim, é possível afirmar que se Bacon não pintou especificamente nenhum dos eventos totalitários do novecentos, talvez tenha expresso com extrema sensibilidade o “resultado” de tamanhos traumas: o humano imerso em uma sociedade cujo projeto racional de progresso desembocara em carnificina.

Pintor autodidata, em suas obras manifestou-se com imagens obsessivas, opressivas, figuras humanas monstruosas, pedaços de carne pendurados (que lembram matadouros), bocas sem rosto, e outras brutalidades que presumia pudessem atingir contundentemente o espectador: a “Pintura 1946”⁴²² bem poderia ser interpretada como o sentimento de horror da própria existência em um tempo que sucedeu tragédias de imensurável dimensão pelas quais só o homem foi responsável. A racionalidade, por tanto tempo cultivada como redentora, autorizou, planejou e executou a violência totalitária cuja seqüela no homem foi revivida por meio das obras de Bacon.

⁴²² BACON, Francis. **Pintura 1946 (1946)**. Óleo e têmpera sobre tela: 198 x 132cm. Nova Iorque: The Museum of Modern Art. Reproduzida em GARCÍA-BERMEJO, José Maria Faerna. **Francis Bacon**. Traduzido por SILVEIRA, Ênio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995, p. 27. Figura 44.



Figura 44

6.2 Filósofos-Artistas ou Artistas-Filósofos: A Desconstrução da Totalidade num Golpe de Vista

Os acontecimentos dramáticos do século XX (duas guerras, nazismo, comunismo, entre outros), que demonstraram de forma cabal uma outra face da ciência racional moderna⁴²³, também contribuíram decisivamente para intensificar a crise de cunho epistemológico que tomava lugar desde o final do centenário antecedente, estabelecida frente à desconfiança de que a antiga forma de conhecer (meramente racional) não seria suficiente para apreender a realidade. Se aprofundou sobremodo a crise de representação da realidade, reveladora da esquizofrenia decorrente do verdadeiro trauma experimentado na “era dos extremos”⁴²⁴, culminando com o questionamento da própria idéia de conceito, através da admissão de que o conhecimento e expressão total da realidade talvez não passassem de fantasia de um ser humano demasiadamente autoconfiante.

MERLEAU-PONTY contribuiu para aprofundar a crítica à ciência puramente racionalista, que em sua compreensão “*manipula as coisas e renuncia habitá-las*”⁴²⁵. Não

⁴²³ O choque causado pelo prisma destrutivo da ciência, até então vista como meio idôneo para alcançar o progresso da universalidade (depositária das aspirações mais caras ao gênero humano), redundou na crítica benjaminiana na qual esta idéia de progresso aparece representada como uma tempestade que impele irresistivelmente o anjo (história humana) para o futuro, enquanto um amontoado de ruínas cresce aos seus pés, sem que o anjo possa deter-se a fim de acordar os mortos e juntar os fragmentos. A epígrafe do escrito de Walter BENJAMIN é a “Saudação do Anjo”, de Gerhard Scholem, muito elucidativa para a compreensão do sentimento de terror ocasionado pela implementação, através da ciência, de catástrofes de amplitude até então desconhecidas pela humanidade: “*Minhas asas estão prontas para o vôo, Se pudesse, eu retrocederia Pois eu seria menos feliz Se permanecesse imerso no tempo vivo*”. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Traduzido por ROUANET, Sérgio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 226.

⁴²⁴ Expressão cunhada por Eric HOBBSAWM para se referir ao “breve século XX”, que em sua perspectiva remonta ao período compreendido entre os anos de 1914 e 1991. HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Traduzido por SANTARRITA, Marcos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

⁴²⁵ MERLEAU-PONTY, Maurice. “*O olho e o espírito*” in **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne**. Traduzido por NEVES, Paulo; PEREIRA, Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 13.

acreditava que a ciência pudesse oferecer uma completa representação do mundo, inatacável a ponto de não haver nenhuma questão válida a ser levantada, e referia que o desprezo pelos sentidos e pela imaginação verificado no racionalismo cartesiano⁴²⁶ concorria para afastar a ciência da vida. Não se tratava de hostilizar indiscriminadamente a atividade científica, mas de *“saber se ela tem o direito de negar ou excluir como ilusórias todas as pesquisas que, como ela, não procedem por medidas, comparações, e que não desembocam em leis como as da física clássica, encadeando tais conseqüências a tais condições”*⁴²⁷. Segundo o autor, teria sido a própria ciência, através do seu desenvolvimento mais recente (especialmente pós teoria da relatividade), que desfez a ilusão de que o homem poderia atingir o coração das coisas, o próprio objeto, de forma definitiva e absolutamente precisa: *“o fato percebido e, de um modo*

⁴²⁶ Maurice MERLEAU-PONTY criticou o reducionismo racionalista reportando-se ao trecho de “Meditações metafísicas (1641)” em que Descartes, utilizando-se do exemplo de um pedaço de cera, rejeitava os sentidos e a imaginação como meios para alcançar o “verdadeiro conhecimento”. O excerto da obra cartesiana contra a qual se insurgiu MERLEAU-PONTY é o seguinte: “Tomemos como exemplo este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colméia; ainda não perdeu a doçura do mel que continha, ainda retém algo do aroma das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza são aparentes; é duro, é frio, se o toca e, se baterdes nele, produzirá algum som. (...) Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo: o que nele restava de sabor se exala, o aroma evanesce, sua cor muda, sua figura se perde, sua grandeza aumenta, torna-se líquido, aquece-se, mal se pode tocá-lo e, embora se bata nele, não produzirá mais nenhum som. Permanece a mesma cera depois dessa mudança? É preciso admitir que permanece, e ninguém o pode negar. Então, o que se conhecia com tanta distinção nesse pedaço de cera? Por certo não pode ser absolutamente nada de tudo o que nele observei por intermédio dos sentidos (...). Talvez fosse o que penso agora, a saber, que a cera não era nem essa doçura do mel, nem esse agradável aroma das flores, nem essa brancura, nem essa figura, nem esse som, mas somente um corpo que um pouco antes me aparecia sob essas formas, e que agora se faz observar sob outras. Mas que é, falando precisamente, que imagino quando a concebo desse modo? Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Por certo nada mais permanece senão algo de extenso, flexível e mutável. (...) Já que a concebo capaz de receber uma infinidade de mudanças semelhantes, e eu não poderia, entretanto, percorrer essa infinidade com minha imaginação, (...) essa concepção que tenho de cera não se realiza pela faculdade de imaginar. (...) Conhecemos os corpos apenas pela faculdade de entender que está em nós, e não pela imaginação nem pelos sentidos, e (...) não os conhecemos pelo fato de os vermos, ou de os tocarmos, mas somente pelo fato de os concebermos pelo pensamento (...)”. MERLEAU-PONTY afirmou, sobre o exemplo de Descartes, que cada uma das qualidades do objeto, longe de estar rigorosamente isolada, possui uma significação afetiva que a põe em correspondência com as outras, em outras palavras, que cada qualidade abre-se às qualidades dos outros sentidos, embora a unidade do objeto permaneça misteriosa, e por cada uma de suas qualidades seja reafirmada. Asseverou ainda que as coisas, diferentemente de como pensa Descartes, não são, diante dos homens, simples objetos neutros, a serem contemplados. A relação do homem com a coisa não seria uma relação distante; conforme MERLEAU-PONTY, o homem está investido nas coisas e estas estão nele investidas. Maurice MERLEAU-PONTY recusa a relação de distância e de dominação que existe entre o espírito soberano e o pedaço de cera na célebre análise cartesiana; ao contrário, percebe uma relação menos clara e definida entre homem e cera, uma proximidade vertiginosa que impede aquele de definir as coisas como puros objetos e sem qualquer atributo humano. DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Traduzido por GALVÃO, Maria Ermantina. São Paulo: Martins Fontes, 2005, pp. 49-51; 54. MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**. Traduzido por MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, pp. 22-23; 33-37.

⁴²⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**. Traduzido por MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, p. 24.

*geral, os acontecimentos da história do mundo não podem ser deduzidos de um certo número de leis que constituiriam o rosto permanente do universo; ao invés, a lei é que é uma expressão aproximada do acontecimento físico e deixa subsistir a sua opacidade*⁴²⁸.

O filósofo refutou a dicotomia moderna entre observador e objeto como entes estanques, propondo uma extraordinária imbricação entre o vidente e o visível⁴²⁹, a indivisão do senciante e do sentido. O pensamento racionalista, ávido por separar e classificar os objetos em categorias claras e distintas, munido do mito da pureza, comprimiu o mundo em uma lógica dual de fronteiras violentas e vazias: nada poderia ocupar o limite. MERLEAU-PONTY combateu acintosamente tal aceção de idéias, e não esteve só. Nas artes plásticas (que aliás sempre foram uma paixão do filósofo), o desenhista e gravador holandês ESCHER, desde os anos vinte, mas especialmente a partir da segunda metade dos anos trinta, já vinha transmitindo por imagens sua convicção de indecidibilidade do mundo.

Confundindo aquilo que o racionalismo agrupava em categorias opostas e fechadas, ESCHER contraditou através da elegante gravura “Ar e Água I”⁴³⁰ a lógica de que se “A” é um peixe e “B” um pássaro, então “A” não pode ser “B” e nem conter qualquer dos seus elementos: partindo dos pólos branco e preto, o artista repetiu as figuras de um pássaro e de um peixe, mostrando uma metamorfose na qual, após o encontro, ambas as figuras

⁴²⁸ MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**. Traduzido por MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, p. 24.

⁴²⁹ Conforme Maurice MERLEAU-PONTY, esta interpenetração entre sujeito e objeto derivaria do fato de que o próprio corpo humano é ao mesmo tempo vidente e visível. “Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o ‘outro lado’ de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. É um si, não por transparência, como o pensamento, que só pensa seja o que for assimilando-o, constituindo-o, transformando-o em pensamento – mas um si por confusão, por narcisismo, inerência daquele que vê ao que ele vê, daquele que toca ao que ele toca, do senciante ao sentido (...)”. MERLEAU-PONTY, Maurice. “*O olho e o espírito*” in **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne**. Traduzido por NEVES, Paulo; PEREIRA, Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, p. 17.

⁴³⁰ ESCHER, M. C. **Ar e Água I (1938)**. Xilogravura: 44 x 44cm. Sem localização declarada. Reproduzida em ESCHER, M. C. **M. C. Escher: gravuras e desenhos**. Traduzido por GONÇALVES, Maria Odete. Köln: Taschen/Paisagem, 2004, p. 29. Figura 45.

sobrevieram transformadas. MERLEAU-PONTY admirava o trabalho de ESCHER, e de fato as atividades de ambos possuíam muitos pontos de contato: este comunicava por imagens o que aquele pretendia tornar compreensível por palavras.

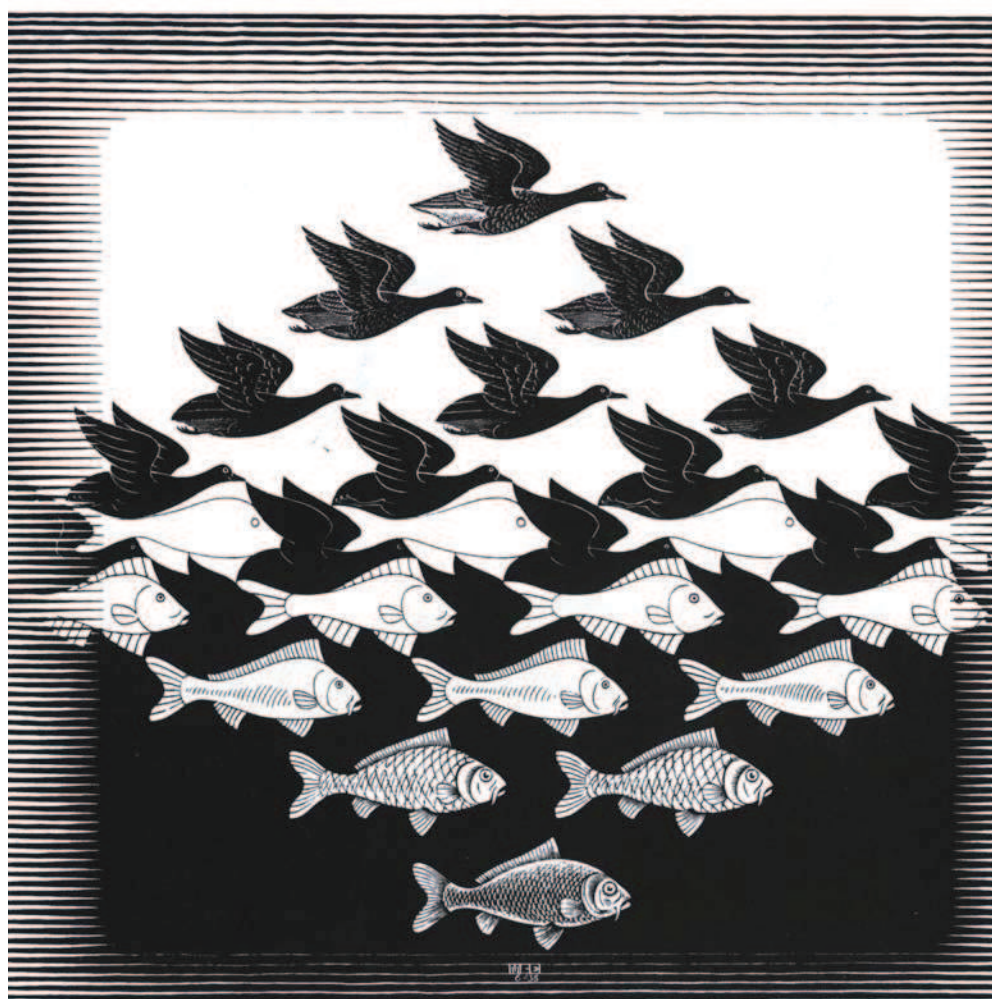


Figura 45

MERLEAU-PONTY pugnava pela relatividade de qualquer tipo de representação, vilipendiando desta forma o cânone moderno da totalidade da apreensão do real (a concepção de que o homem é capaz de apropriar-se da essência do mundo através de uma operação racional de conhecimento⁴³¹): *“o olho vê o mundo, e o que falta ao mundo para ser quadro, e o que falta ao quadro para ser ele próprio, e, na paleta, a cor que o quadro espera; e vê, uma vez feito, o quadro que responde a todas estas faltas, e vê os quadros dos outros, as respostas outras a outras falas. Não se pode fazer um inventário limitativo do visível como tampouco dos usos possíveis de uma língua ou somente se seu vocabulário e de suas frases. (...) O mundo do pintor é um mundo visível, tão-somente visível, uma mundo quase louco, pois é completo sendo no entanto apenas parcial”*⁴³².

6.3 A Dança da Criação: Pollock, Jazz, e a Arte Construída no Percurso

Após a Segunda Guerra Mundial, em relação às artes plásticas pôde-se perceber um deslocamento de atenções da Europa para Nova Iorque, irradiando-se a partir daí à diversas outras paragens do planeta (Japão e América Latina, por exemplo), a ponto de não mais ser possível detectar “centros” e “periferias” de produção. Este movimento que fez ferver a arte americana acompanhou o período de grande prosperidade financeira dos Estados Unidos, que emergiram do segundo conflito armado com a auto-imagem de “povo jovem em conquista da supremacia mundial”, enquanto os europeus ocidentais se ocupavam no pós-

⁴³¹ “O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.” MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Traduzido por MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 14.

⁴³² MERLEAU-PONTY, Maurice. *“O olho e o espírito” in O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne*. Traduzido por NEVES, Paulo; PEREIRA, Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Cosac & Naify, 2004, pp. 19-20.

guerra de uma situação interna desoladora que incluía fome, desemprego, agitação social intensa, países arrasados e endividados. Os pintores americanos, de um modo geral, não se sentiam comprometidos com a tradição artística européia, esta não implicava para os “filhos do jovem continente” um problema histórico.

É nesse contexto que Jackson Pollock (1912-1956) pretendeu a recusa da racionalidade na pintura através da ação não premeditada, transmitindo em seus quadros o que chamava de “energia tornada visível”. Exercitando o impulso, extravasando a emoção, e aceitando o acaso como fundamental na consecução da obra, para Pollock o apaixonado ato de pintar constituía em si mesmo um valor. Verificou-se, aqui, uma importante ruptura não só com a tradição artística racional de representação de objetos exteriores, mas também com qualquer possibilidade lógica de estudo ou investigação destinada a gerir o destino da obra⁴³³: o artista dedicou-se à “pintura de ação” (*action painting*), que não resultava de idéias preconcebidas, mas do próprio processo criativo, da “dança da criação” consubstanciada nos movimentos energéticos que incorporavam o estado psíquico do pintor no momento da produção do quadro⁴³⁴.

⁴³³ Refere Zygmunt BAUMAN que “podemos dizer que a existência é moderna na medida em que é produzida e sustentada pelo ‘projeto’, ‘manipulação’, ‘administração’, ‘planejamento’. A existência é moderna na medida em que é administrada por agentes capazes (isto é, que possuem conhecimento, habilidade e tecnologia) e soberanos. Os agentes são soberanos na medida em que reivindicam e defendem com sucesso o direito de gerenciar e administrar a existência: o direito de definir a ordem e, por conseguinte, pôr de lado o caos como refúgio que escapa à definição”. Nesse sentido, percebe-se que Jackson Pollock se “distanciou da modernidade” ao rejeitar justamente a idéia de “projeto”, de um estudo anterior que pautasse todo o percurso da obra artística, acolhendo em seus quadros a “sugestão” do acaso. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Traduzido por PENCHEL, Marcos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, p. 15.

⁴³⁴ STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Traduzido por ANDRADE, Angela Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 158-159.

Pollock abandonou o pincel, trocando-o pelo borrifamento e gotejamento de tinta sobre imensas telas-murais estendidas no chão (aboliu o cavalete) de seu celeiro/atelier. Por vezes deixava a tinta escorrer das latas ou das bisnagas, misturava-as com uma infinidade de materiais (areia, vidro moído e terra, por exemplo), e espalhava as cores vertidas com pedaços de pau e trapos, numa ação rápida, enquanto tinha os sentidos e o corpo inteiramente concentrados no ato de pintar⁴³⁵. Ao trabalhar com o acaso, liberdade frente às leis da lógica, o artista enfatizou sua compreensão de que este permeava todos os eventos da vida. Assim, a salvação não residiria na razão que faz projetos, pois o controle total dos acontecimentos não passaria de inútil soberba humana. Para Pollock, a vida, como o quadro, seria construída no percurso, e este se encontraria muito longe de um empreendimento linear e previsível. As arrebatadoras tramas de tinta na pintura “Número 4, 1948: Cinza e Vermelho”⁴³⁶ irrompem em uma abundância de ritmos visuais, desconstruindo a idéia de um centro da obra⁴³⁷, tal como preceituado pelos ditames artísticos tradicionais.

⁴³⁵ WALTHER, Ingo F. **Obras-primas da pintura Ocidental: uma história da arte em 900 estudos**. Traduzido por CURVELO, Teresa. Köln: Taschen, 2002, p. 619.

⁴³⁶ POLLOCK, Jackson. **Número 4, 1948: Cinza e Vermelho (1948)**. Esmalte sobre papel: 57,5 x 78,4cm. Los Angeles: Frederick R. Weisman Foundation. Reproduzida em DAVIDSON, Susan. **No Limits, Just Edges: Jackson Pollock Paintings on Paper**. Berlin: Deutsche Guggenheim, 2005, p. 95. Figura 46.

⁴³⁷ Os trabalhos de Jackson Pollock não possuíam uma orientação espacial comum (parte de cima/parte de baixo, esquerda/direita, centro/margens) porque o artista não visava pintar “objetos” que existiam em um contexto bi ou tridimensional, e sim expressar o próprio ato criativo: o processo de consecução da pintura era o tema da sua arte. SHLAIN, Leonard. **Art & Physics: parallel visions in space, time and light**. Nova Iorque: Perennial, 2001, pp. 245-246.



Figura 46

É muito interessante a comparação que ARGAN⁴³⁸ fez do *jazz* com a pintura de Pollock: “o ‘jazz’ é música sem projeto, que se compõe tocando, e rompe todos os esquemas melódicos e sinfônicos tradicionais, tal como a ‘action painting’ rompe todos os esquemas espaciais da pintura tradicional. No emaranhado de sons do ‘jazz’, cada instrumento desenvolve um plano rítmico próprio: o que os entrelaça é a excitação coletiva dos instrumentistas, a onda que se ergue do fundo do inconsciente e chega ao auge do paroxismo. (...) Da mesma forma, na composição de um quadro de Pollock, cada cor desenvolve seu ritmo, leva à máxima intensidade a singularidade de seu timbre. Todavia, tal como o ‘jazz’ constitui não tanto uma orquestra, e sim um conjunto de solistas que se apostrofam e respondem, estimulam-se e relançam um ao outro, analogamente o quadro de Pollock surge como um conjunto de quadros pintados na mesma tela, cujos temas se entrelaçam, interferem, divergem, tornam a se reunir num turbilhão delirante”.

Talvez a única ressalva que se deva fazer à análise de ARGAN seja o fato de que a “pintura de ação”, muito mais do que romper com os esquemas tradicionais de visão espacial (como sugerido pelo crítico italiano), deixa entrever a multiplicidade de tempos relativos às várias emoções e sentimentos (“temas”) que invadem a tela, emergindo da psiquê do artista para emaranharem-se no quadro, bem diante dos atônitos espectadores. Acredita-se que é a pluralidade de tempos (ritmos, velocidades), e não propriamente o espaço, que permite a analogia proposta por ARGAN entre o *jazz* e a *action painting*.

⁴³⁸ ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Traduzido por BOTTMANN, Denise; CAROTTI, Federico. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 532.

6.4 Complexidade, Fragmentariedade, Formação Intersticial: A Nova Concepção de Identidade e de Cultura na Atualidade

A crítica ao racionalismo totalitário manifestada no século passado não poderia permitir outro efeito sobre a idéia de identidade que não o questionamento de sua fixidez e unidade. Assistiu-se então ao reconhecimento de que o que a tradição outorga é uma forma apenas parcial de identificação, não podendo a diferença ser lida apressadamente como reflexo de traços culturais e étnicos preestabelecidos⁴³⁹. Ademais, como assevera BHABHA⁴⁴⁰, vivenciou-se a diluição das singularidades de classe, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual, desabilitando qualquer pretensão de identidade fechada, única. Os sujeitos, ainda segundo BHABHA, passaram a ser entendidos como formados nos “entre-lugares”, nos excedentes da soma das “partes” da diferença⁴⁴¹. Extrapolou-se o modelo universalista de identidade, purista, redutor⁴⁴², pois o exotismo trouxe novas conexões que fizeram do homem um

⁴³⁹ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998, pp. 20-21.

⁴⁴⁰ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998, pp. 19-20.

⁴⁴¹ BHABHA utiliza metaforicamente para aludir à atual construção intersticial das identidades o poço de uma escada: “situado no meio das designações de identidade, transforma-se no processo de interação simbólica, o tecido de ligação que constrói a diferença entre superior e inferior, negro e branco. O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta.” BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 22. Sobre o assunto ver também BHABHA, Homi K. **Culture's in between. (Concept of culture)**. Disponível em: <<http://media-server.amazon.com/exec/drm/amzproxy.cgi>>. Acesso em: 14 abr. 2005.

⁴⁴² Stuart HALL destaca que o Estado liberal, fulcrado em um universalismo identitário, promoveu idéias positivas e que não deveriam ser levemente descartadas, como por exemplo a ênfase fornecida à tolerância religiosa, à liberdade de expressão, ao estado de direito, à igualdade formal, à legalidade processual, e ao sufrágio universal. Tal ideário fundamentava o mito da neutralidade do Estado frente aos indivíduos. Entretanto, sob as novas condições de deslocamento e desagregação identitárias, problematizou-se ao extremo a aplicação dos referidos postulados liberais, em boa parte também porque os próprios conceitos de igualdade, tolerância e liberdade restaram questionados. Assim, uma vez desestabilizados os fundamentos do Estado liberal, ganharam importância na atualidade os processos de negociação e articulação das diferenças. HALL, Stuart. “*A questão multicultural*” in **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organizado por SOVIK, Liv. Traduzido por RESENDE, Adelaine La Guardia; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; ÁLVARES, Cláudia; RÜDIGER, Francisco; AMARAL, Sayonara. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 77.

estranho ao enquadramento em dualidades típicas das categorias modernas⁴⁴³: minoria/maioria; centro/periferia, proletariado/burguesia, civilizado/não-civilizado⁴⁴⁴.

Teoricamente inovador e politicamente crucial neste tempo revisionário é passar além das narrativas de subjetividades originárias, para focalizar os processos que têm lugar nas fronteiras, e que dão início a novos signos de identidade e a postos inovadores de colaboração e contestação. É nesse sentido que a fronteira, na modernidade entendida como meramente reguladora e demarcatória, agrega na atualidade também o caráter expansivo, aberto, emancipatório, para traduzir-se no lugar a partir do qual “*algo começa a ser fazer presente*” (expressão heideggeriana)⁴⁴⁵. MARTINS chama a atenção, no entanto, para a “*apetência diluente*” da fronteira, que significa a sua forte propensão para fundamentar ambições holísticas, ou esforços homogeneizantes produtores de “comunidades imaginadas”

⁴⁴³ Como salienta Ruth Maria Chittó GAUER, “hoje esses termos dissolvem-se. As dimensões de territorialidade que circunscreviam os espaços sociais romperam-se e a ordem das coisas, tal como pensada na modernidade embasada na premissa da inclusão e da exclusão, deixou de ser a norma. Por intermédio de alguns fenômenos contemporâneos, dá-se um processo de ‘despurificação’ das identidades sociais. A retenção de uma essência identitária – esforço nostálgico de afirmação – é cada vez menos viável. Podemos observar que todas as práticas culturais estão sob o contato contínuo entre o local e o global, fato esse que impede a simples questão que pautou a inclusão-exclusão (...)”. GAUER, Ruth Maria Chittó. “*Da diferença perigosa ao perigo da igualdade*” in **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1 (jun. 2001), pp. 403-404.

⁴⁴⁴ BHABHA, Homi K. **Making difference: Homi K. Bhabha on the legacy of the culture wars. (Writing the 80's)**. Disponível em: <<http://media-server.amazon.com/exec/drm/amzproxy.cgi>>. Acesso em: 18 abr. 2005. No mesmo sentido Stuart HALL: “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo”. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 09.

⁴⁴⁵ Rui Cunha MARTINS aduz que no tempo anterior à modernidade “a consciência do potencial ordenador e diferenciador da fronteira convivia admiravelmente bem com idêntica e clara consciência da respectiva instabilidade”. Na modernidade experimentou-se uma “erosão parcial”, uma depuração do conceito de fronteira, restando-lhe, em obediência ao imperativo da ordem, apenas o caráter regulador, nítido, diferenciador. A atualidade pretende resgatar, segundo o autor, a matéria outrora objeto de expurgação, o que encerra uma inegável aspiração emancipatória. O conceito de fronteira passaria a adquirir, assim, a paradoxal feição de demarcação e emancipação. MARTINS, Rui Cunha. “*O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira na era da sua reproduzibilidade icônica*” in **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Quarteto, 2001, n. 59, pp. 41; 43-45; 47.

nela sediadas, o que resultaria em uma dissimulação de diferenças persistentes e conflituais⁴⁴⁶.

Assim, imprescindível atentar para a não mitificação da própria liminaridade identitária, transformando a “zona crítica da linha”, mutante, insolúvel e em perpétua negociação e reinvenção de si mesma, em uma neo-unidade/universalidade singular e/ou coletiva. De outra banda, necessário ponderar que uma absoluta relativização das identidades também não permite uma aproximação adequada à atualidade, pois inegável a existência de pontos mais ou menos estáveis tanto na acepção singular quanto no contato identitário coletivo. Aliás, corroborando tal entendimento, NUNES⁴⁴⁷ alude aos fenômenos culturais do mundo atual como uma tensão entre a fluidez, o movimento e a heterogeneidade das “configurações”, e as suas continuidades, resistências e estabilidades.

A concepção racional moderna de sujeito portador de uma identidade estável e unitária se desagregou durante o século XX, em razão do trânsito veloz em que muitos tempos e espaços se entre-cruzam para produzir figuras complexas, numa “celebração móvel”⁴⁴⁸ identitária, formada e transformada continuamente em processos de identificação nunca completados, mas sempre condicionais, alojados na contingência. Nesse sentido, MORIN⁴⁴⁹

⁴⁴⁶ MARTINS, Rui Cunha. “O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira na era da sua reprodutibilidade icônica” in **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Quarteto, n. 59, p. 46, 2001.

⁴⁴⁷ João Arriscado NUNES conceitua “recursos culturais” como as práticas, representações, símbolos, crenças, objetos, rituais, mitos, memórias, tradições, etc. de uma pessoa ou grupamento, que são o resultado de processos de construção envolvendo um conjunto de operações de seleção, tradução, ordenação, interpretação, quer em situações de criação ou invenção, quer em situações de reapropriação ou recriação. Tais “recursos culturais” dariam lugar a complexos de composição, estabilidade e continuidade variáveis – que o autor denomina “configurações” identitárias. NUNES, João Arriscado. “Reportórios, configurações e fronteiras: sobre cultura, identidade e globalização” in **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Quarteto, 2001, n. 43, pp. 01-03.

⁴⁴⁸ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 13.

⁴⁴⁹ Assim, para Edgar MORIN “todo indivíduo, mesmo aquele reduzido à mais banal das vidas, constitui um cosmo. Contém a multiplicidade interior, as identidades virtuais, uma infinidade de personagens quiméricos, uma polixistência no real e no imaginário, o sono e a vigília, a obediência e a transgressão, o ostensivo e o secreto, efervescência larvar em suas cavernas e abismos insondáveis. Cada um contém galáxias de sonhos e fantasias, impulsos indomáveis de desejos e de amores, abismos de infelicidade, vastidões de indiferença gelada, abrasamentos de astros em fogo, avalanches de ódio, extravios idiotas, clarões de lucidez, tempestades de demência... Cada um dos homens contém uma solidão inacreditável, uma pluralidade extraordinária, um cosmo

entende que o homem possui identidade polimorfa: cada humano seria uno, singular, irreduzível, e, ao mesmo tempo, duplo, plural, incontável, diverso – “*homus complexus*”. O autor percebe o homem como um tecido de contradições⁴⁵⁰. Refere que além da complexidade nata, o ser humano ainda sofre várias modificações de identidade durante a existência: descontinuidades que operam ao longo dos anos e das décadas. Como se o complexo conjunto que constitui a identidade pudesse ser decomposto e recomposto ao longo do tempo, tal qual um caleidoscópio, e como se cada composição provocasse emergências ou qualidades próprias, criando assim uma nova identidade. BARROS, poeta brasileiro, “*um homem percorrido de existências*”⁴⁵¹, parece concordar com o filósofo francês, ao se definir como “*minhocas de pessoas, deserto de muitos eus*”⁴⁵², e escrever:

“Sou formado em desencontros.
A sensatez me absurda.
(...)
As antíteses conçoçam.”⁴⁵³

“Tem mais presença em mim o que me falta.
Sou muito preparado de conflitos.”⁴⁵⁴

“Eu sou o medo da lucidez.”⁴⁵⁵

insondável.” MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina, 2003, pp. 82, 85, 89, 93-94.

⁴⁵⁰ Conforme MORIN, “o homem da racionalidade é também o da afetividade, do mito e do delírio (*demens*). O homem do trabalho é também o homem do jogo (*ludens*). O homem empírico é também o homem imaginário (*imaginarius*). O homem da economia é também o do consumismo (*consumans*). O homem prosaico é também o da poesia, isto é, do fervor, da participação, do amor, do êxtase”. MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Traduzido por SILVA, Catarina Eleonora F. da; SAWAYA, Jeanne. São Paulo: Cortez, 2003, p. 58.

⁴⁵¹ BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 11.

⁴⁵² BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 23.

⁴⁵³ BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 49.

⁴⁵⁴ BARROS, Manoel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 67.

⁴⁵⁵ BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 65.

Entretanto, MORIN alerta para o fato de que, paralelamente à diversidade e à complexidade humanas, é necessário ter presente o fundo antropológico comum: a unidade. Ressalta que há na atualidade uma profunda dificuldade de conceber a unidade do múltiplo e a multiplicidade do uno: os que compreendem a diversidade das culturas e nos indivíduos de forma fechada e extremada tendem a minimizar ou a ocultar a unidade humana, o que gera violência pela tentativa de neutralização da diferença e pela crença na incomunicabilidade entre a espécie; por outro lado, os que entendem o humano simplesmente como unidade tendem a considerar como secundária a diversidade na identidade singular e de identidades culturais, promovendo a violência pela via do universalismo, ao considerar indispensável a correção da diferença. Nesse sentido, o autor⁴⁵⁶ propõe uma percepção do humano como uma “*unidade complexa*”, ou seja, como uma unidade que garanta e favoreça a diversidade, e uma diversidade inscrita na unidade.

BAUMAN⁴⁵⁷ reflete que os habitantes do “*líquido mundo*”⁴⁵⁸ atual constroem e mantêm as referências comunitárias de suas identidades em movimento – lutando para se juntar a grupos igualmente móveis e velozes que procuram, concebem, e tentam manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. Expõe o autor que no admirável mundo novo das

⁴⁵⁶ MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade**. Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina, 2003, pp. 65-66.

⁴⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Traduzido por MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 32.

⁴⁵⁸ Zygmunt BAUMAN oferece a fluidez como principal metáfora para a atualidade: “os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. (...) Os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas ‘por um momento’. (...) O tempo é o que importa. (...) Os fluidos se movem facilmente. (...) Não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem e inundam seu caminho.” Para o autor, o mundo vivencia uma acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Ressalta que ajustar peças e pedaços para formar um todo consistente e coeso chamado “identidade” não parece ser a principal preocupação na atualidade, já que na velocidade, fugacidade e volatilidade dos eventos tal fixação representaria um fardo, uma repressão, uma limitação de escolha evidentemente contraproducente. BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Traduzido por DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 08. BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Traduzido por MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, pp. 59-60.

oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo moderno (rígidas e inegociáveis) simplesmente não funcionam, situação que teria inspirado, ainda segundo o sociólogo, o cartaz espalhado em 1994 pelas ruas da cidade de Berlim ridicularizando a lealdade a estruturas que não eram mais capazes de conter a realidade: *“Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro”*⁴⁵⁹.

Como percebe HALL⁴⁶⁰, as identidades são construídas por meio da diferença, e não fora dela: *“isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de ‘exterior constitutivo’, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, da ‘identidade’ – pode ser construído”*. Por este viés, o autor conclui que as identidades só podem funcionar como pontos de identificação e apego por causa de sua capacidade para excluir, para deixar de fora, para transformar o diferente em “exterior”, em abjeto: *“toda a identidade tem necessidade daquilo que lhe ‘falta’”*⁴⁶¹.

SOUZA parece concordar com HALL quando refere que o sujeito moderno “claro e distinto” faliu com suas promessas, e a humanidade descobriu (dolorosamente) que a velha idéia de subjetividade fechada e auto-definida não é mais suficiente, ou configura mera tentativa de redução do que se “é” a uma simples função do intelecto. Na atualidade, a

⁴⁵⁹ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Traduzido por MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 33.

⁴⁶⁰ HALL, Stuart. *“Quem precisa da identidade?”* in **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Organizado por SILVA, Tomaz Tadeu da. Traduzido por SILVA, Tomaz Tadeu da. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 110.

⁴⁶¹ HALL, Stuart. *“Quem precisa da identidade?”* in **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Organizado por SILVA, Tomaz Tadeu da. Traduzido por SILVA, Tomaz Tadeu da. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 110.

subjetividade somente pode se constituir, segundo o filósofo, na responsabilidade que se é capaz de assumir frente ao peso da alteridade, vale dizer, *“ser sujeito é ser responsável pela manutenção e dignificação da multiplicidade infinita do diverso que chega prototipicamente em cada outro”*⁴⁶².

Como ressalta SOUZA, a composição cerrada do homem como sujeito (nos moldes modernos), o deslocamento do ser humano concreto de seu lugar inconfundível, instaurando em seu lugar um conceito (seu universal), é lógica tributária de um racionalismo arrogante, onipotente e onideterminante, por isso totalitário: aliás, como divisa o filósofo, *“a vocação profunda do Ocidente, em suas linhas maiores e com as exceções eloqüentes que confirmam a regra, é, exatamente, a solidão de Ser sozinho”*⁴⁶³. Porém, a temporalidade cuidou de retirar do homem a máscara da auto-significação, demonstrando a necessidade do encontro com Outrem para o delineamento da subjetividade, que, como expõe SOUZA, significa precipuamente “não estar sozinho no mundo” (eis o desacerto de termos como “intersubjetividade”): *“o humano só é concebível na multiplicidade dos humanos, e em nenhum outro lugar – nem como conceito, nem como parte de uma fórmula, muito menos como objeto da razão”*⁴⁶⁴.

Rompida a barreira da visão moderna de tempo culturalmente conluiado, e acentuada a flexibilidade pluricomposicional identitária, no plano coletivo a articulação da diferença

⁴⁶² SOUZA, Ricardo Timm de. *“Humanismo e alteridade – a filosofia frente à radicalidade do desafio humano” in O Humanismo Latino no Brasil de Hoje*. Organizado por JÚNIOR, Arno Dal Ri; PAVIANI, Jayme. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2001, p. 93.

⁴⁶³ SOUZA, Ricardo Timm de. *“Alteridade & Pós-Modernidade: sobre os difíceis termos de uma questão fundamental” in Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, p. 169.

⁴⁶⁴ SOUZA, Ricardo Timm de. *“Humanismo e alteridade – a filosofia frente à radicalidade do desafio humano” in O Humanismo Latino no Brasil de Hoje*. Organizado por JÚNIOR, Arno Dal Ri; PAVIANI, Jayme. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2001, p. 89.

irrompe como uma negociação complexa, sempre em andamento, que não mais tem lugar entre “culturas nacionais soberanas”, imaginativamente concebidas como comunidades com raízes no tempo homogêneo, e sim entre grupos híbridos nos quais a identidade é encenada como interação, nas margens deslizantes dos deslocamentos de identificação e afeto, bem longe das fantasias da pureza e da origem⁴⁶⁵. Abandonar a simplificação identitária coletiva (porque é uma forma fixa e totalitária de representação) própria da modernidade, que coloca os antagonismos sociais e os conflitos históricos em termos de oposicionalidade implacável⁴⁶⁶, absolutamente polarizada, evitando da mesma forma um movimento para o “outro lado” do dualismo (o que seria, segundo BHABHA⁴⁶⁷, a mera invenção de um “*contra-mito originário de pureza radical*”), parece constituir a tarefa dos viajantes da atualidade da aceleração e do tempo múltiplo – temporalidade esta, que, nas palavras de BENJAMIN⁴⁶⁸, força o presente, saturado de “agoras”, a explodir para fora do *continuum* da história.

Assim, o momento exige, no plano coletivo, a articulação de elementos antagônicos e ambivalentes, em uma dialética para além da mera oposição de categorias estanques, desestabilizadora de um essencialismo e de um logocentrismo recebidos da tradição moderna, em nome de uma “flexibilidade do significante”, que não visa, contudo, a superação das

⁴⁶⁵ BHABHA, Homi K. **Halfway house (art of cultural hybridization)**. Disponível em: <<http://media-server.amazon.com/exec/drm/amzproxy.cgi>>. Acesso em: 18 abr. 2005.

⁴⁶⁶ Mesmo se posicionando contra a fixidez identitária (singular e coletiva), afirmando sua formação híbrida e intersticial, portanto para além das categorizações estanques e duais, Homi K. BHABHA reconhece que em determinados momentos da história a articulação política, econômica e militar pode ser legitimamente representada em termos de dominação, de ausência de alteridade e de descaso pela autonomia de povos. O autor discorre também sobre como o Ocidente explora seu capital simbólico, introjetando hábitos e valores em significativa parte da população mundial. Mas se para o autor a negação das ocorrências de exploração econômica ou de subjugação política redundava em chancela de violência, também há violência na consideração dos grupamentos “autores” e das coletividades “passivas” como totalidades homogêneas, desprezando-se as discordâncias e ambigüidades internas de cada conjunto de pessoas, e a complexidade da interação entre tais grupamentos. BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998, pp. 44-45.

⁴⁶⁷ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 43.

⁴⁶⁸ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Traduzido por ROUANET, Sérgio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1996, pp. 229-230.

contradições através de uma “racionalidade redentora”, mas a abertura de espaços de reconhecimento, aproximação e cooperação. Concorde-se com BHABHA⁴⁶⁹ quando afirma que a questão cultural deve ser posta na atualidade em termos de enunciação, o que torna a estrutura de significação e referência um processo ambivalente, destruindo esse espelho de representação pelo qual a cultura se apresenta como código integrado, unitário, um verdadeiro sistema estável de referência. Conforme o autor, a enunciação desafia a noção de identidade histórica, de cultura como força homogeneizante, autenticada pelo passado originário mantido vivo na tradição nacional do povo. Em outras palavras, a temporalidade disruptiva da enunciação desloca a narrativa da nação ocidental, inscrita no tempo homogêneo, serial, garantindo que os significados e os símbolos da cultura não tenham unidade e nem fixidez, ao contrário, reconhecendo que estes podem ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo.

Aceitar o problema e a riqueza da diferença é muito mais do que enaltecer o exotismo da diversidade cultural (“multiculturalismo”), concepção na qual as culturas existem separadas e intocadas em suas totalidades históricas, protegidas em uma memória mítica de uma identidade coletiva única. Salienta BAUMAN⁴⁷⁰ que esse apelo ao respeito à entidades culturais fechadas, à justaposição pura e simples de culturas estanques, denominado “multiculturalismo”, impõe que se reconheça, ao lado do direito à diferença, também o “direito à indiferença”, a prerrogativa de abster-se de julgar. E, assim, para o sociólogo, *“quando a tolerância mútua se junta à indiferença, as culturas comunitárias podem viver juntas, mas raramente conversam entre si, e se o fazem costumam usar o cano das armas como telefone”*, de

⁴⁶⁹ BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 63.

⁴⁷⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Traduzido por DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pp. 121-122.

forma que em um mundo “multicultural” as culturas podem coexistir, mas é difícil que se beneficiem de uma vida compartilhada. BAUMAN sustenta que o reconhecimento da variedade cultural deveria ser apenas o começo, e não o fim da questão, tão somente o ponto de partida de um longo (poder-se-ia dizer infundável) e complexo processo de aproximação⁴⁷¹.

Em relação à configuração dos grupamentos humanos na atualidade, MAFFESOLI destaca a emergência de uma nova forma de socialidade⁴⁷², de cunho holístico, complexamente estruturada a partir de massas de pessoas, que não se apóiam em uma lógica identitária fixa e unitária (nos moldes modernos). A obra do autor denuncia um movimento de uma ordem social, essencialmente mecanicista, fulcrada no mito do contrato, organizada econômica e politicamente através de instituições de poder burocráticas, e cujo sustentáculo era a categoria do indivíduo, para o desenvolvimento na atualidade de um paradoxo que inclui a massificação crescente e a paralela constituição de microgrupos chamados “tribos”⁴⁷³, cuja potência agregadora reside na empatia⁴⁷⁴, e que possuem as características da efemeridade, composição cambiante, inscrição local, e ausência de uma estrutura e organização estável.

O sociólogo francês utiliza-se da metáfora da tribo para delatar o que entende por um processo de desindividualização, que inclui a saturação da “função” indivíduo, e o

⁴⁷¹ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Traduzido por DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 122.

⁴⁷² “*Noi siamo la splendida realtà*”. Esta inscrição, de escrita desajeitada, descoberta em um recanto perdido da Itália Meridional, resume, na verdade, a questão da socialidade. Nela estão sintetizados os diversos elementos que caracterizam esta última: relativismo do viver, grandeza e tragédia do cotidiano, peso do dado mundano, bem ou mal assumido. O todo se exprime nesse ‘nós’ que serve de cimento, e que ajuda, precisamente, a sustentar o conjunto. Insistiram tanto na desumanização, no desencantamento do mundo moderno, na solidão que este engendra, que não conseguem mais ver as redes de solidariedade que nele se constituem.” MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 126.

⁴⁷³ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, pp. 164-170.

⁴⁷⁴ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 58.

reconhecimento da idéia de pessoa (“*persona*”), portadora de uma máscara mutável que se amolda a uma multiplicidade de situações⁴⁷⁵, e que só existe em relação com o Outro. Nesta “*neo-tribalização*”, que tomou lugar a partir de uma massa indefinida, e de um povo sem identidade (na concepção moderna do termo), partilhando um mesmo território (real ou imaginário), a multiplicidade implicou, segundo MAFFESOLI, no favorecimento de um forte sentimento coletivo, de dominante empática⁴⁷⁶, voltado para um “*estar-junto à toa*” (sem implicação na participação em um empreendimento para o futuro)⁴⁷⁷. Assim, restou substituída, na visão de MAFFESOLI, a sociedade contratual estribada em uma perspectiva individualista, com um projeto racional para alcançar certos fins⁴⁷⁸. A comunidade como concebida pelo autor é instável, aberta, e se mantém provisoriamente unida por vivenciar e sentir em comum, por compartilhar uma ética flexível e corriqueira, bem como por tomar parte de um conjunto de costumes.

No entanto, se em alguns planos a diluição da forma de organização social ocidental moderna (Estados-nação) é perceptível, bem como a degradação e a perda de importância de

⁴⁷⁵ “Característica da socialidade: a pessoa (*persona*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*”. MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 133.

⁴⁷⁶ Luciana Gageiro COUTINHO, ao analisar a noção de tribo proposta por Michel Maffesoli, assevera que talvez, ao compartilhar emoções e fantasias, fictamente abolindo conflitos e diferenças, os membros das tribos urbanas contemporâneas estejam querendo encontrar uma maneira de lidar com o desamparo humano, que cada vez mais se acentua com a complexidade da sociedade. Neste caso, a ilusão de “ser um” junto a uma tribo é uma reedição do narcisismo individual através de um “narcisismo grupal”. Continua a autora explicitando que o engajamento nas tribos é movido pela condição de desamparo em que se encontra o sujeito contemporâneo, situação que se converte em uma ameaça à existência e integridade do ego: a demanda por perfilar-se em tribos se justifica pela necessidade de buscar meios para um espelhamento narcísico, muito mais do que pelo impulso de agregar aliados para lutar por uma causa comum. A causa comum é, consoante COUTINHO, garantir a sobrevivência dos próprios egos. COUTINHO, Luciana Gageiro. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo**. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigos/tribos.htm>>. Acesso em: 20 out. 2003.

⁴⁷⁷ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, pp. 137-141.

⁴⁷⁸ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, pp. 126-127.

suas instituições, não se desconhece que a atualidade é o tempo da complexidade, e por conseguinte da simultaneidade, caracterizada pela coexistência de elementos antigos e recentes, e não tanto, como observa MARTINS⁴⁷⁹, pela substituição gradual de uns pelos outros. Repele-se, assim, a idéia de “superação”, que o autor citado considera tão tributária da lógica paradigmática moderna quanto as noções de continuísmo, de evolução e de progresso. Explana MARTINS⁴⁸⁰ que embora o Estado, enquanto protótipo de agrupamento social moderno, se encontre tendencialmente exaurido, padecendo de uma crise aguda de operatividade (*“evidente, indelével, de certa maneira irrecuperável”*), parece razoável sustentar que *“tanto o mecanismo processador dessa falência quanto as condições de emergência de modalidades alternativas aparentam ser ainda subsidiários do paradigma cessante”*.

Por este viés, para uma aproximação do presente, faz-se necessário escapar da absolutização da transformação, derivada de uma concepção de “ordem” e de tempo linear tipicamente modernos, em que não é aceitável a coexistência de mais de uma lógica de organização subjetiva, e a partir dos quais não se admite a heterogeneidade de velocidades. Conseqüentemente, não é possível considerar a ultrapassagem de um modelo social racionalizado moderno (Estado-nação) para uma nova forma de socialidade empática (com ênfase agregatória nos sentimentos, nas emoções vividas em comum por seus membros), como preceitua MAFFESOLI, ainda que muitos sejam os exemplos de “comunidades afetuais” na atualidade.

⁴⁷⁹ MARTINS, Rui Cunha. **Das fronteiras da Europa às fronteiras da ideia de Europa (o argumento paradigmático e o argumento integrador)**. Coimbra: Quarteto, 2004, pp. 35-36.

⁴⁸⁰ MARTINS, Rui Cunha. **Das fronteiras da Europa às fronteiras da ideia de Europa (o argumento paradigmático e o argumento integrador)**. Coimbra: Quarteto, 2004, pp. 35-36.

6.5 As Ciências, A Tecnologia: Da Cegueira à Visão Complexa da Vida

Os estudos do físico-químico russo PRIGOGINE atingiram enorme importância para a emergência de uma ciência que aceita e procura travar contato com a complexidade, não mais limitada a situações simplificadoras e idealizadas que aspiram a expurgar a criatividade e a ocultar o caos dos fenômenos observados. Observou que apesar dos enormes progressos da física nos últimos séculos, muitos aspectos tipicamente tradicionais subsistiram desde as leis newtonianas até a relatividade e a quântica, como por exemplo o determinismo e a simetria temporal. Acentua PRIGOGINE que mesmo a mecânica quântica já não descrevendo trajetórias, e sim funções de onda, sua equação de base também é determinista e de tempo reversível: uma vez dadas as condições iniciais, tudo é determinado, e a lei não varia em relação à inversão dos tempos. Estas características também se aplicam à relatividade restrita. Trabalha-se, assim, com sistemas fechados e coerentes, cujas leis abstratas fornecem a chave para desvendar a situação da variável através do tempo. Por estas razões, na física clássica e moderna, a novidade, a criatividade, a atividade espontânea são apenas aparências, relativas ao ponto de vista humano.

Ao colocar a questão do tempo na encruzilhada da existência e do conhecimento, o cientista voltou seu trabalho para a física dos processos irreversíveis de não-equilíbrio, onde se pode constatar o papel construtivo da flecha do tempo, ou seja, o sem-número de fenômenos vitais que decorrem de tais operações: *“a matéria é cega ao equilíbrio ali onde a flecha do tempo não se manifesta; mas quando esta se manifesta, longe do equilíbrio, a*

matéria começa a ver!”⁴⁸¹. O autor considera espetaculares os progressos da química longe do equilíbrio, na qual se observou recentemente que a irreversibilidade não pode mais ser associada unicamente ao aumento da desordem: a flecha do tempo pode levar inclusive à ordem⁴⁸².

PRIGOGINE destaca também a importância da pesquisa com sistemas dinâmicos instáveis⁴⁸³ para a revisão do papel do tempo na física. Revela que tais sistemas levaram à quebra da simetria entre passado e futuro que a física tradicional (newtoniana, einsteniana e quântica) afirmava, incorporando na ciência noções como flutuações e bifurcações, escolhas múltiplas, previsibilidade limitada⁴⁸⁴, possibilidades em vez de certezas⁴⁸⁵. O cientista ressalta que a ciência chegou na atualidade à concepção de um mundo em construção⁴⁸⁶, inclusive no que tange ao conhecimento, pois entende que nenhum conceito físico é suficientemente definido sem que sejam conhecidos os limites de sua validade. Porém, PRIGOGINE é um

⁴⁸¹ Refere Ilya PRIGOGINE que as leis da física, em sua formulação tradicional (clássica (newtoniana) e moderna (relatividade e quântica)), descrevem um mundo idealizado, estável, e não o mundo instável e em transformação no qual vivemos. Para o cientista o aparecimento de vida na Terra seria inconcebível sem os processos irreversíveis de não-equilíbrio, motivo pelo qual afirmou: “Não somos nós que geramos a flecha do tempo. Muito pelo contrário, somos seus filhos”. PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 1996, pp. 11-12.

⁴⁸² PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 1996, p. 29.

⁴⁸³ “Os sistemas dinâmicos estáveis são aqueles em que pequenas modificações das condições iniciais produzem pequenos efeitos. Mas para uma classe muito extensa de sistemas dinâmicos, essas modificações se amplificam ao longo do tempo. Os sistemas caóticos são um exemplo extremo de sistema instável, pois as trajetórias que correspondem a condições iniciais tão próximas quanto quisermos divergem de maneira exponencial ao longo do tempo. Fala-se, então, de ‘sensibilidade às condições iniciais’, tal como ilustra a famosa parábola do ‘efeito borboleta’: a batida de asas de uma borboleta na bacia amazônica pode afetar o tempo que fará nos Estados Unidos”. PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 1996, p. 32.

⁴⁸⁴ Em um dado momento um sistema estável pode apresentar flutuações, certos desvios (instabilidades) que prenunciam uma ruptura da trajetória em mais de uma possibilidade. A previsibilidade da evolução do sistema é apenas limitada, podendo ser expressa por meio da estatística (por conseguinte, não deve ser confundida com imprevisibilidade). PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 1996, p. 115.

⁴⁸⁵ PRIGOGINE, Ilya. “O reencantamento do mundo” in **A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo**. Traduzido por FEIO, Luís Couceiro. Lisboa: Piaget, 1996, p. 235. PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza**. Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 1996, pp. 12-13.

⁴⁸⁶ PRIGOGINE, Ilya. “Flecha do tempo e o fim das certezas” in **As chaves do século XXI**. Traduzido por FEIO, Luís Couceiro. Lisboa: Piaget, 2000, p. 29.

otimista, porque infere que a ciência começa a estar em condições de descrever parte da criatividade, *“e o tempo, hoje, é também o tempo que não fala mais de solidão, mas sim da aliança do homem com a natureza que ele descreve”*⁴⁸⁷.

O trabalho de PRIGOGINE desvelou a cegueira de uma ciência fulcrada na razão totalitária, que se pretendia capaz de abarcar a completude do real, abrindo espaço para o acaso, e desviando-se dos dois tipos de delírios expostos por MORIN⁴⁸⁸: um, muito visível – o da incoerência absoluta, das onomatopéias, das palavras pronunciadas ao acaso; e outro, bem menos visível – o da coerência absoluta, da dominação e da compressão do real sob as leis da ciência. Este segundo delírio, só uma racionalidade autocrítica, como a exercitada por PRIGOGINE, é capaz de evitar.

Analisando o papel da velocidade nas modificações ocorridas na atualidade, VIRILIO⁴⁸⁹ afirma que em razão da interatividade e da tele-presença das pessoas e coisas, produtos de um conhecimento científico acumulado, os deslocamentos estão às voltas com o instantaneísmo, e a esfera da atividade do homem não é mais limitada pelo local ou pelos obstáculos físicos (espaço). Esta extrema velocidade gerou, contudo, a inércia comportamental humana, e também o exílio de si-próprio, a perda da derradeira referência psicológica (corpo), conduzindo a um vazio completo, vez que a sociedade já havia anteriormente negado a alma.

⁴⁸⁷ PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos**. Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 2002, p. 84.

⁴⁸⁸ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Traduzido por LISBOA, Eliane. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 72.

⁴⁸⁹ VIRILIO, Paul. **A inércia polar**. Lisboa: Dom Quixote, 1993, pp. 124-125. Importante referir que a perspectiva aventada por Paul VIRILIO, embora pertinente para aclarar aspectos da contemporaneidade, não deve ser absolutizada, pois em um mundo plural e complexo resta evidente a simultaneidade de velocidades drasticamente distintas.

Evidente que a separação entre sujeito/objeto advogada pela ciência moderna deixou de fazer sentido frente à lógica de “tempo exposto”⁴⁹⁰ característica da tecnologia de ponta, o que não deixa de ser um paradoxo, porque o desenvolvimento da ciência (tributária da racionalidade moderna) que pugnava por esta dicotomização acabou por propiciar a instantaneidade conciliadora do sujeito/objeto. É possível observar, assim, a perda de nitidez das categorias pelo racionalismo entendidas como claras e distintas, em prol de uma interação instantânea resultante da mais avançada tecnologia comunicacional: a inseparabilidade midiática afetou a natureza da inércia e da estabilidade do real, confundindo, por exemplo, público e privado, centro e periferia, emissor e receptor.

Com esta intensa aceleração experimentada na atualidade, potencializada pelo desenvolvimento da tecnologia, e a partir do reconhecimento da complexidade, da fragmentariedade das identidades, e da reestruturação social através da emergência de modalidades alternativas que passaram a conviver com os Estados-nação, a ciência é questionada sobre problemas para os quais o modelo exclusivamente racional, compartimentalizado e redutor moderno não oferece o pretendido respaldo. Viver em nossos dias compreende afrontar uma realidade preta de contradições e complexidade, insuscetível de aprisionamento através da hiperespecialização e do fechamento disciplinar, que são tributários de uma lógica racional-reducionista moderna.

⁴⁹⁰ Paul VIRILIO refere que a partir da conquista da hiper-aceleração à velocidade da luz, a instantaneidade tomou o lugar da duração. O tempo extensivo, histórico, diferido, sucessivo, comutou-se em “tempo real”, instantâneo, “que se expõe” (a velocidade serve para ver), que de súbito se desprende de seu lugar de inscrição, do seu aqui e agora, nos remetendo à uma além-cronologia. VIRILIO, Paul. **A velocidade da libertação**. Traduzido por CORDEIRO, Edmundo. Lisboa: Relógio D’Água, 2000, pp. 37-38.

Como destaca LYOTARD⁴⁹¹, o pensamento humano não raciocina em termos binários, não trabalha por unidades de informação (bits), mas por configurações intuitivas e hipotéticas. Aceita dados imprecisos, ambíguos, que não se apresentam equacionados em categorias atemporais e estanques, segundo um código completo pré-estabelecido, sendo capaz de elaborar esboços de regras a partir da reflexão sobre o resultado da assimilação dos dados. Não negligencia os apartes, as exceções e as margens de uma situação, cuida das laterais, podendo discriminar o que é importante e o que não é sem fazer uma redução e uma seleção exaustiva das informações. A necessidade de segurança, que pautou séculos de realizações científicas, estribada em um modelo racional exclusivista, passa na atualidade por um questionamento advindo das mais variadas paragens, e, ainda, poder-se-ia escrever, por uma interrogação muito mais profícua que é a de todos estes campos em cooperação, ou seja, proveniente da interdisciplinariedade⁴⁹².

O pensamento racional totalitário, que baseava seus supostos rigor e operacionalidade na medida e no cálculo, desintegrou os seres e as coisas até o ponto de considerar como únicas realidades as fórmulas e equações que governavam tais entidades. Expulsou a emoção, os sentidos e a intuição do processo que é o conhecer, e ainda assim pretendeu exprimir a vida! E, bem observado, continua com grande prestígio, basta atentar, como denuncia MORIN⁴⁹³, para a alta “*cretinização*” produzida em universidades de todo o mundo.

⁴⁹¹ LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo**. Traduzido por SEABRA, Ana Cristina; ALEXANDRE, Elisabete. Lisboa: Estampa, 1997, p. 23.

⁴⁹² Entende-se por interdisciplinariedade a cooperação e pesquisa de diversas disciplinas sobre um determinado objeto, e a troca de conhecimento e informação exercida especificamente nas fronteiras epistemológicas.

⁴⁹³ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Traduzido por LISBOA, Eliane. Porto Alegre: Sulina, 2005, p. 12.

GAUER⁴⁹⁴ anota que a extrema velocidade redundou em deslocamentos de perspectivas no âmbito do paradigma moderno de conhecimento, possibilitando na atualidade, se não uma “*epistemologia da incerteza*” (a validade das leis científicas teria forte caráter de reversibilidade), pelo menos uma convicção de que se estaria diante de interpretações e narrativas, em vez de verdades universais e imutáveis. Salienta a autora que “*dentro desta perspectiva, a verdade dos fenômenos é sempre limitada pela sua velocidade*”. Assim, torna-se necessário uma revisão do modo de se fazer ciência, que deveria ser pensada como um trabalho sobre o caótico e com o caótico, a reinvenção de uma “*ordenação intelectual que permita reescrever a complexidade e não eliminá-la em favor de uma verdade absolutizada*”.

É assim que o pensamento complexo se inscreve na grande mutação de nosso tempo. Não pode, é certo, resolver todas as questões que nos oferecem resistência, mas comporta a qualidade de permitir uma aproximação ao problema mais responsável e menos reducionista, e de restaurar a noção de subjetividade, a criatividade e a incerteza no âmago do percurso do conhecer. Uma aproximação pertinente, que leva em consideração o contexto em que as informações adquirem sentido, o complexo (inseparabilidade dos elementos constitutivos do todo) e a sua multidimensionalidade, a razão e a emoção numa visão solidária, bem como o fato de que o todo é bem mais do que a simples soma das partes⁴⁹⁵.

Não se trata, contudo, de defender a diluição de fronteiras epistemológicas: um pensamento crítico é, por definição, um pensamento fronteiro, a ser exercido justamente na

⁴⁹⁴ GAUER, Ruth Maria Chittó. “*Conhecimento e aceleração (mito, verdade e tempo)*” in **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Organizado por GAUER, Ruth Maria Chittó. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004, pp. 09; 13-15. E também: GAUER, Ruth Maria Chittó. “*A interdisciplinariedade e o mundo da inovação*” in **Sobre interdisciplinariedade**. Organizado por CANCELLI, Elisabeth; GAUER, Ruth Maria Chittó. Caxias do Sul: EDUCS, 2005, p. 58.

⁴⁹⁵ MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Traduzido por SILVA, Catarina Eleonora F. da; SAWAYA, Jeanne. São Paulo: Cortez, 2003, pp. 35-39.

mobilidade constitutiva e negociável de uma fronteira, que jaz em permanente processo crítico de reconfiguração⁴⁹⁶. Assim, o local de produção do conhecimento complexo é o híbrido fronteiro, espaço que longe de representar simplesmente regulação, também é aberto à emancipação pelo conhecimento daqueles que ousam colocar em risco o sentimento de segurança advindo de uma “verdade” hiperespecializada, derivada de uma razão megalomaniaca, em prol de uma ciência do contato, através da qual alguém pode dizer “não” ao seu “sim”. Sobre a necessidade de “verdade”, importante lembrar VIRILIO, para quem *“no domínio da verdade, ou antes, da objetividade científica, há certamente realidades mais ou menos estáveis, mais ou menos duráveis; nenhuma, entretanto, é definitiva, com exceção da morte”*⁴⁹⁷.

MORIN assevera que a partir do momento em que se operou a disjunção entre a subjetividade humana e a objetividade do saber, característica da ciência moderna, o conhecimento científico desenvolveu os modos mais refinados para compreender todos os objetos possíveis, mas se tornou completamente cego sobre si mesmo, sobre o que é, o que faz e como faz, o que poderia ou deveria ser⁴⁹⁸. Tal circunstância colabora sobremaneira para a desresponsabilização do cientista e do adquirente do conhecimento, potencializando os perigos à coexistência humana derivados da ausência de reflexão quanto aos limites de utilização ética⁴⁹⁹, modos de operação, e função da produção científica.

⁴⁹⁶ Ver sobre o assunto MARTINS, Rui Cunha. *“O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira na era da sua reprodutibilidade icônica”* in **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Quarteto, 2001, n. 59, p. 40.

⁴⁹⁷ VIRILIO, Paul. *“O resto do tempo”* in **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Organizado por MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2003, p. 105.

⁴⁹⁸ MORIN, Edgar. **O método 6: ética**. Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina, 2005, pp. 72-73.

⁴⁹⁹ Expressão utilizada no sentido conferido por Ricardo Timm de SOUZA: “ética é a construção do sentido da vida humana desde o seu encontro com o Outro”. SOUZA, Ricardo Timm de. **Ética como fundamento: uma introdução à ética contemporânea**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004, p. 56.

A interdisciplinariedade possui um potencial reinstaurador da subjetividade no âmago do que se conceitua como ciência, e representa, antes de tudo, uma tomada de consciência quanto à intraduzibilidade do real através de um único viés hermético. O questionamento, a redescritção crítica, o valor heurístico conferido pelo novo olhar científico interdisciplinar, estribados na consciência da provisoriedade/precariedade de todo o conhecimento, e na descrença em qualquer modelo universalmente válido, evidenciam uma forma de ciência realizada em comunhão de esforços, a partir e apesar das limitações e da falibilidade humana, por meio da curiosidade e do inconformismo daquelas pessoas que, como o “arquiteto” de MELO NETO⁵⁰⁰, são capazes de, através do contato, colocar em questão suas certezas, construindo portas, para não mais retornar a feto:

*“A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e teto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contras;
por onde, livres: ar luz razão certa.*

*Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até refechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.”*

Coragem e humildade, eis as estruturantes do pensamento complexo. A coragem para a prática de ciência através de um modelo (não fechado, e transgressivo) que aceita razoável grau de incerteza como natural, e que requer seja a todo momento confrontado o

⁵⁰⁰ MELO NETO, João Cabral de. **A Educação pela Pedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, pp. 15-16.

conhecimento adquirido com novas hipóteses provenientes também de outras áreas de estudo. Coragem ainda para assumir uma racionalidade crítica, reflexiva sobre seus limites, mais respeitosa das outras faculdades e mistérios que compõe o humano. E humildade das esferas de conhecimento científico, possibilitadora do diálogo fecundo para a aproximação aos problemas de nossa realidade complexa. Duas palavras, tantos séculos de discussões, muitas tragédias. Poderia o homem imaginar que a grande questão da atualidade seria lutar contra a sua própria pretensão de onipotência e contra o seu medo?

ALGUMAS REFLEXÕES CONSTRUÍDAS DURANTE O PERCURSO

A pesquisa desenvolvida permite cogitar que a racionalidade, em seus moldes totalitários, como forma de exercício do pensamento, constituiu um sistema de referência profundamente arraigado nos homens durante muitos séculos da história (trabalhou-se, como recorte, desde o ideário do seiscentos até o tempo atual). Por este motivo, orientou as relações com a diferença, sendo fundamental para uma aproximação da visão de ciência como compreendida/praticada durante a modernidade. A concepção totalitária de racionalidade repercutiu, ainda, em inúmeros outros aspectos importantes para o homem, como por exemplo na sua auto-imagem, na forma como compreendia a sociedade, como praticava a economia, como se relacionava com o passado e o futuro, como sentia/concebia Deus.

O sistema racional totalitário comporta elementos inequivocamente violentos, pois ao fornecer um critério classificatório da espécie humana (o *logos*), possibilitou a estruturação das categorias indivíduo/cultura e um processo catastrófico de tentativa de “equalização” da diferença, de transcendência de toda a heteronomia. As práticas escandalosamente intolerantes, as diligências no sentido de neutralização do poder desagregador da diferença, encontravam-se fulcradas em uma concepção fixa e unitária de identidade singular e coletiva.

A violência reside na vontade de anulação daquele que “traz desordem ao sistema racional completo”, do elemento estranho, inassimilável. Após uma incursão antropológica, pôde-se verificar que esta idéia de purificação está estritamente ligada à de ordem, pois o universo estável, no qual os objetos têm uma forma reconhecível, uma permanência, e se situam numa perspectiva bem definida, é ameaçado pelas indicações discordantes, que implicam na modificação da estrutura de suas pressuposições. As maneiras através das quais os homens, dentro de uma visão racional essencialista, lidaram com a “anomalia”, variaram historicamente do simples ignorar até o esforço de aniquilação. O diferente, que representa perigo, pois desestabiliza a lógica do sistema, foi, em outras palavras, refutado por meio de violência explícita ou implícita.

Assim, é possível sustentar que os valores da liberdade, igualdade e tolerância, tão caros à retórica moderna dos séculos XVII e XVIII, foram preceituados *por* e *para* uma “universalidade” (cuja “essência” não se encontrava no plano dos sentimentos - pluralidade, mas naquilo que existia de idêntico – *logos*), que em última análise referia-se, ao menos na prática, somente ao homem ocidental branco, adulto, “esclarecido”, próspero, e “iluminado pela razão”. Modificados os sujeitos e o momento histórico, a mesma lógica se repetiu (e ainda se repete) nas mais diversas paragens do mundo, e sob os mais variados tipos de binarismo (civilizados/primitivos; desenvolvidos/subdesenvolvidos; centro/periferia; etc.).

O racionalismo totalitário, como sistema lógico, hermético e pretensamente completo de pensamento, compreende as idéias de que a realidade, absolutamente inteligível e atingível, só pode ser idoneamente apreendida através da razão; de que a razão constitui veículo para alcançar a verdade e o progresso, pressupostos da emancipação e da felicidade; de que a verdade apodíctica é acessível a todo pensar, desde que seja utilizado o método correto (a

redução ordenada e progressiva do sistema composto à evidências simples, claras e distintas - portanto puras); de que a experiência sensível é enganosa, a verdade é única, e por isso a polissemia não passa de irrealidade.

Pelo exame de tais proposições durante a pesquisa, e, principalmente, pela reflexão quanto as objeções à elas opostas por razoável número de cientistas e artistas, acredita-se possível reconhecer no pensamento racional totalitário uma importante carga de violência, em especial porque este se arvora numa idéia redutora de ciência subsumida ao exercício do *logos*, buscando a supressão das nervuras, tensões e idiossincrasias inerentes à subjetividade, que é também faculdade humana. Importante salientar, ainda, que o estabelecimento de um sistema que se reputava completo, como o racional totalitário, exigiu o escamoteamento da temporalidade: daí os mais variados ataques, durante séculos, à tudo o que pudesse representar movimento, pois em sua presença as categorias estanques se tornam insuficientes para dar conta do “real” formalmente estipulado.

Mas a vida não se deixa aprisionar, e ela só existe no movimento. Por esta razão, a temporalidade, banida pelo homem de seu mundo abstratizado, fez-se notar a um número cada vez maior de indivíduos, impondo, através da aceleração, intensas transformações nas artes, nas ciências, e na cosmovisão das pessoas, e distribuindo, junto com as novidades e melhoramentos, o medo, a consciência da falta de controle sobre os eventos, e a desorientação advinda de uma crise de referências. Pode-se apontar que o fechamento de um sistema sobre si mesmo e a sua austera fixidez comportam o risco de que se torne moribundo por rigidificação. O dinamismo e a espontaneidade não são dados que possam ser ignorados sem prejuízo para a aproximação aos fenômenos vitais, ensinou a físico-química do século passado, e alertou Bergson cem anos antes.

A razão totalitária perdeu contato com a vida e se trancou numa fortaleza vazia. É, por isso, uma razão autista: ocupada unicamente consigo mesma e com a perfeição cada vez maior de seu sistema lógico-abstrato, constrói castelos no ar e os anda vendendo a quem não mais deseja habitar este mundo que “é” diferença. Por outro lado, é também esquizofrênica, pois corta a “realidade” em cubinhos: depura, discrimina, separa, segundo um modelo estabelecido *a priori*. No seu anseio patológico por dominar o “real”, quando algo não se encaixa nas categorias pré-estabelecidas, o manipula demiurgicamente, até que caiba no que já existe, ou então o aniquila, para que o sistema não reste prejudicado.

A tendência mumificadora de objetos no interior de conceitos, própria da forma racional totalitária de lidar com o mundo, brutaliza por não “deixar ser”, além de promover o esvaziamento da riqueza, dinamismo e vitalidade do fenômeno pela sua excessiva definição. Pelo que se verificou na presente pesquisa, toda a tentativa de apreensão pura e simples do real é uma ilusão, pois os objetos traem as definições humanas, persistindo na sua opacidade constitutiva, e evadem-se, deixando o homem só em sua neurótica procura de semantização do “mundo-aí”, que todavia permanece imerso em torvelinhos de sentido que jamais podem ser por completo desvendados.

Como reflexão final deste percurso resta referir que jamais se pretendeu, com a crítica ao racionalismo totalitário, defender a fuga para o seu oposto binário: o irracionalismo. Não se desconhece a importância do racionalismo em todos os ramos da ciência, muito menos o fato de que os processos cognitivos dependem também, e em elevada medida, da inteligência e de uma certa abstração. A crítica foi deduzida contra a gradação totalitária infundida a tal modo de pensar, que influenciou, como acredita-se haver demonstrado ao longo da pesquisa, as mais diversas esferas da existência humana, e, em especial, as relações de alteridade.

Importante expor, ainda, que é possível resgatar a sinergia entre a razão, os sentidos e a capacidade imaginativa do humano, a fim de compor um pensamento solidário e de contato entre as diversas faculdades do homem, mais apto a lidar com o fervilhar da diferença e a complexidade que habita o mundo. O sensível e o imaginativo são esferas plenamente operatórias, passíveis de auxiliar na compreensão dos fenômenos do universo. Que o digam os inúmeros físicos que trabalham com a teoria quântica, por exemplo, na qual a imaginação ocupa lugar privilegiado. Se as inspirações são comunicáveis, a que se pretendeu expressar por meio desta pesquisa foi a necessidade da prática de uma ciência encarnada, conectada com a vida, a partir de uma racionalidade autocrítica, consciente de suas limitações, de sua precariedade, de seu inafastável componente de incerteza, e permeada pelos afetos e pela imaginação.

Conclui-se, pois, que o homem nunca conclui: o que o marca é justamente o inacabamento de tudo o que faz. O esforço infindável na aproximação a um objeto o conduz a um questionamento ou a um “desaprendizado” do que tomava por estável, e das alternativas e pseudo-respostas irrompem novas perguntas. Na descoberta desta sua condição, caracterizada pela incerteza e insegurança, o homem foi auxiliado pela ciência e pela arte. A vida não lhe revela todas as soluções; mas lhe confere o discernimento para, cedo ou tarde, torná-lo muito seguro de seus erros:

- “Mas, então, ousei comentar, estais ainda longe da solução...*
 - *Estou pertíssimo, disse Guillaume, mas não sei de qual.*
 - *Então não tendes uma única resposta para vossas perguntas?*
 - *Adso, se a tivesse ensinaria Teologia em Paris.*
 - *Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?*
 - *Nunca, disse Guillaume, mas são muito seguros de seus erros.”*

(ECO, Umberto. **O Nome da Rosa.**)

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 - DAVID, Jacques-Louis. A Morte de Marat (1793) . Óleo sobre tela: 1,65 x 1,28m. Bruxelas: Musées Royaux de Beaux-Arts.....	40
FIGURA 02 - BLAKE, William. Newton (1795) . Desenho em bico de pena pintado com aquarela: sem medida declarada. Londres: Tate Gallery.	58
FIGURA 03 - GOYA, Francisco. O Sono da Razão Produz Monstros (Capricho 43) (1797-1798) . Gravura a água-forte e aquatina: 21,6 x 15,2cm. Sem localização declarada.	61
FIGURA 04 - GOYA, Francisco. O Três de Maio de 1808 (1814) . Óleo sobre tela: 266 x 345cm. Madrid: Museo del Prado.....	62
FIGURA 05 - GOYA, Francisco. O Cão (1820-1823) . Óleo sobre tela: 134 x 80cm. Madrid: Museo del Prado.	64
FIGURA 06 - GOYA, Francisco. Saturno (1820-1823) . Óleo sobre tela: 146 x 83cm. Madrid: Museo del Prado.	66
FIGURA 07 - COUBERT, Gustave. Bonjour Monsieur Coubert (1854) . Óleo sobre tela: 129 x 149cm. Montpellier: Musée Fabre.	72
FIGURA 08 - MANET, Édouard. Almoço sobre a relva (1863) . Óleo sobre tela: 2,08 x 2,64m. Paris: Musée d'Orsay.	78
FIGURA 09 - MONET, Claude. A Catedral de Ruão. A Fachada e a Torre de Saint-Romain na Aurora (1894) . Sem medida declarada. Sem localização declarada.	94
FIGURA 10 - MONET, Claude. A Catedral de Ruão. A Fachada, Sol Matinal. Harmonia Azul (1894) . Sem medida declarada. Sem localização declarada.	94

FIGURA 11 - MONET, Claude. A Catedral de Ruão. A Fachada e a Torre de Saint-Romain, de Manhã. Harmonia Branca (1894). Sem medida declarada. Sem localização declarada.	94
FIGURA 12 - MONET, Claude. A Catedral de Ruão. A Fachada e a Torre de Saint-Romain, em Pleno Sol. Harmonia Azul (1894). Sem medida declarada. Sem localização declarada.	94
FIGURA 13 - MONET, Claude. A Catedral de Ruão. A Fachada, Tempo Cinzento. Harmonia Cinzenta (1894). Sem medida declarada. Sem localização declarada.	94
FIGURA 14 - MONET, Claude. A Catedral de Ruão. A Fachada Vista de Frente. Harmonia Castanha (1894). Sem medida declarada. Sem localização declarada.	94
FIGURA 15 - RODIN, Auguste. A mão de Deus (1898). Mármore: 92,9cm de altura. Paris: Museu Rodin.	97
FIGURA 16 - RODIN, Auguste. A mão do Diabo (1902). Mármore: altura não informada. Sem localização declarada.	98
FIGURA 17 - RODIN, Auguste. Balzac Enroupado (1897). Mármore: altura não informada. Sem localização declarada.....	100
FIGURA 18 - CÉZANNE, Paul. A Montanha Sainte-Victoire (1890-1894). Óleo sobre tela: 54 x 65cm. Edimburgo: National Gallery of Scotland.	107
FIGURA 19 - CÉZANNE, Paul. A Montanha Sainte-Victoire, vista de Bibémus (1898-1900). Óleo sobre tela: 65 x 85cm. Baltimore: Baltimore Museum of Art.	107
FIGURA 20 - CÉZANNE, Paul. A Montanha Sainte-Victoire (1902-1906). Óleo sobre tela: 65 x 81cm. Filadélfia: Philadelphia Museum of Art.	108
FIGURA 21 - CÉZANNE, Paul. A Montanha Sainte-Victorie, vista dos Lauves (1904-1906). Óleo sobre tela: 73,8 x 81,5cm. Kansas City: The Nelson-Atkins Museum of Art.	108
FIGURA 22 - MUNCH, Edvard. Puberdade (1895). Óleo sobre tela: 1,50 x 1,10m. Oslo: Nasjonalgalleriet.....	113
FIGURA 23 - MUNCH, Edvard. O grito (1893). Óleo, têmpera e pastel sobre cartão: 91 x 73,5cm. Oslo: Nasjonalgalleriet.....	115
FIGURA 24 - MUNCH, Edvard. Entardecer na Rua Karl Johann (1892). Óleo sobre tela: 84,5 x 121cm. Bergen: Coleção Rasmus Meyer.	117
FIGURA 25 - MATISSE, Henri. A Dança (1910). Óleo sobre tela: 2,60 x 3,90m. Leningrado: Museu Ermitage.	142

FIGURA 26 - PICASSO, Pablo. Les Demoiselles d’Avignon (1907) . Óleo sobre tela: 243,9 x 233,7cm. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.....	149
FIGURA 27 - BALLA, Giacomo. Dinamismo de um cachorro na corrente (1912) . Óleo sobre tela: 89,85 x 109,85cm. Buffalo: Albright-Knox Art Gallery.....	156
FIGURA 28 - BOCCIONI, Umberto. A rua penetra no edifício (1911) . Óleo sobre tela: 100 x 100,6cm. Hannover: Sprengel Museum.	158
FIGURA 29 - BOCCIONI, Umberto. A cidade que desperta (1910-1911) . Óleo sobre tela: 199,3 x 301cm. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.	160
FIGURA 30 - ARP, Hans. Collage ordenada segundo as leis do azar (1917) . <i>Collage</i> : 48,6 x 34,6cm. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.....	168
FIGURA 31 - DUCHAMP, Marcel. Fonte (1917) . <i>Readymade</i> : 36 x 48 x 61cm. Sem localização informada.	170
FIGURA 32 - DUCHAMP, Marcel. L.H.O.O.Q. (1919-1930) . Lápis sobre uma reprodução da Mona Lisa: 19,7 x 12,4cm. Sem localização informada: Propriedade privada.	172
FIGURA 33 - MIRÓ, Joan. Vôo da libélula diante do sol (1968) . Óleo sobre tela: 174 x 244cm. Washington: National Gallery of Art.....	190
FIGURA 34 - MAGRITTE, René François-Ghislain. A chave dos sonhos (1927) . Óleo sobre tela: 38 x 53cm. Munique: Pinakothek der Moderne.	193
FIGURA 35 - MAGRITTE, René François-Ghislain. A chave do campo (1933) . Óleo sobre tela: 80 x 60cm. Madrid: Museo Thyssen-Bornemisza.	195
FIGURA 36 - MAGRITTE, René François-Ghislain. A duração apunhalada (1938) . Óleo sobre tela: 147 x 99cm. Chicago: The Art Institute of Chicago.	196
FIGURA 37 - MAGRITTE, René François-Ghislain. O império das luzes (1954) . Óleo sobre tela: 146 x 113,7cm. Bruxelas: Musée Royaux des Beaux-Arts.	197
FIGURA 38 - DALÍ, Salvador. A persistência da memória (também: os relógios moles ou o tempo fugitivo) (1931) . Óleo sobre tela: 24,1 x 33cm. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.	201
FIGURA 39 - DALÍ, Salvador. Aparição de rosto e fruteira numa praia (1938) . Óleo sobre tela: 114,2 x 143,7cm. Connecticut: Wadsworth Atheneum.....	203
FIGURA 40 - DALÍ, Salvador. Girafa em chamas (1936) . Óleo sobre madeira: 35 x 27cm. Basiléia: Kunstmuseum Basel.	205
FIGURA 41 - DALÍ, Salvador. Crânio Atmosférico Sodomizando Um Piano de Cauda (1934) . Óleo sobre madeira: 14 x 18cm. São Petesburgo: The Salvador Dalí Museum.	207

FIGURA 42 - KLEE, Paul. Eliminado da lista (1933) . Óleo sobre papel: 31,5 x 24cm. Berna: Klee Museum.	215
FIGURA 43 - KLEE, Paul. Revolução do viaduto (1937) . Óleo sobre tela: 60 x 50cm. Hamburgo: Hamburger Kunsthalle.	217
FIGURA 44 - BACON, Francis. Pintura 1946 (1946) . Óleo e têmpera sobre tela: 198 x 132cm. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.....	237
FIGURA 45 - ESCHER, M. C. Ar e Água I (1938) . Xilogravura: 44 x 44cm. Sem localização declarada.	242
FIGURA 46 - POLLOCK, Jackson. Número 4, 1948: Cinza e Vermelho (1948) . Esmalte sobre papel: 57,5 x 78,4cm. Los Angeles: Frederick R. Weisman Foundation.	246

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. Traduzido por BOTTMANN, Denise; CAROTTI, Federico. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Traduzido por JÚNIOR, Juvenal Hahne. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Traduzido por DANESI, Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A poética do devaneio**. Traduzido por DANESI, Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Traduzido por ABREU, Estela dos Santos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. **A poética do espaço**. Traduzido por DANESI, Antonio de Pádua. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARBOSA, Elyana; BULCÃO, Marly. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. Traduzido por CABRAL, Álvaro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

BARROS, Manoel de. **Arranjos para assobio**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARTABURU, Xavier. *“Eu vi a bomba”* in **Revista Terra**. São Paulo: Peixes, 2005, edição 160 (agosto).

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Traduzido por AGUIAR, Márcia Valéria Martinez de. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Traduzido por PERRONE-MOISÉS, Leyla. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos**. Traduzido por ABREU, Estela dos Santos. São Paulo: Papirus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Traduzido por PENCHEL, Marcos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade líquida**. Traduzido por DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Traduzido por DENTZIEN, Plínio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Identidade**. Traduzido por MEDEIROS, Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMER, Franklin Le Van. **O Pensamento Europeu Moderno: séculos XIX e XX**. Traduzido por ALBERTY, Maria Manuela. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. **O Pensamento Europeu Moderno: séculos XVII e XVIII**. Traduzido por ALBERTY, Maria Manuela. Rio de Janeiro: Edições 70, 1977.

BECKS-MALORNY, Ulrike. **Cézanne**. Traduzido por TOMAZ, Fernando. Köln: Taschen/Paisagem, s/d.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Traduzido por ROUANET, Sérgio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGSON, Henri **Matéria e Memória**. Traduzido por SILVA, Paulo Neves da. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

_____. **A evolução criadora**. Traduzido por NETO, Bento Prado. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Traduzido por ÁVILA, Myriam; REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. **Culture's in between. (Concept of culture)**. Disponível em: <<http://media-server.amazon.com/exec/drm/amzproxy.cgi>> Acesso em: 14 abr. 2005.

_____. **Halfway house (art of cultural hybridization)**. Disponível em: <<http://media-server.amazon.com/exec/drm/amzproxy.cgi>> Acesso em: 18 abr. 2005.

_____. **Making difference: Homi K. Bhabha on the legacy of the culture wars. (Writing the 80's)**. Disponível em: <<http://media-server.amazon.com/exec/drm/amzproxy.cgi>> Acesso em: 18 abr. 2005.

BISCHOFF, Ulrich. **Edvard Munch**. Traduzido por TREUMUND, Félix. Köln: Taschen, 2000.

BLAKE, William. **A União do Céu e do Inferno**. Traduzido por DUARTE, João Ferreira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

_____. **Canções da Inocência e Canções da Experiência**. Traduzido por SORBINI, Gilberto; CARVALHO, Weimar de. São Paulo: Disal, 2005.

BRENNAN, Richard. **Gigantes da física: uma história da física moderna através de oito biografias**. Traduzido por BORGES, Maria Luiza X. de A. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUCHHOLZ, Elke Linda; ZIMMERMAN, Beate. **Picasso**. Traduzido por MELO, Elsa. Colonia: Könemann, 1999.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **Tolerância e seus limites: um olhar latino-americano sobre diversidade e desigualdade**. São Paulo: UNESP, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Holocausto: crime contra a humanidade**. São Paulo: Ática, 2004.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CONDE, Francisco Munõz. **Mezger e o Direito Penal de seu Tempo. Estudos sobre o Direito Penal no Nacional-Socialismo**. Traduzido por BUSATO, Paulo César. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

COUTINHO, Luciana Gageiro. **Da metáfora paterna à metonímia das tribos: um estudo psicanalítico sobre as tribos urbanas e as novas configurações do individualismo**. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/artigos/tribos.htm>>. Acesso em: 20 out. 2003.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Traduzido por PEREIRA, Miguel Serras. Lisboa: Fim de Século, 2003.

DAVIDSON, Susan. **No Limits, Just Edges: Jackson Pollock Paintings on Paper**. Berlin: Deutsche Guggenheim, 2005.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Traduzido por GALVÃO, Maria Ermantina. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Meditações Metafísicas**. Traduzido por GALVÃO, Maria Ermantina. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Traduzido por SILVA, Sonia Pereira da. Lisboa: Edições 70, s/d.

DUMONT, Louis. **O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Traduzido por CABRAL, Álvaro. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade**. Traduzido por CLASEN, Jaime A. Petrópolis: Vozes, 1993.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Traduzido por BERNARDINI, Aurora Fornoni; ANDRADE, Homero Freitas de. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ELGER, Dietmar. **Dadaísmo**. Traduzido por ELLACURÍA, Pablo Álvarez. Köln: Taschen, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. Traduzido por CIVELLI, Pola. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Traduzido por JUNGSMANN, Ruy. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIOT, T. S. **Obra Completa: Poesia**. Traduzido por JUNQUEIRA, Ivan. São Paulo: Arx, 2004.

ERBEN, Walter. **Miró**. Traduzido por LIMA, José Vieira de. Köln: Taschen, 2004.

ESCHER, M. C. **M. C. Escher: gravuras e desenhos**. Traduzido por GONÇALVES, Maria Odete. Köln: Taschen/Paisagem, 2004.

ESSERS, Volkmar. **Henri Matisse**. Traduzido por Casa das Línguas, Lda. Köln: Taschen/Paisagem, s/d.

FICACCI, Luigi. **Bacon**. Traduzido por RIBES, Carme Franch. Köln: Taschen, 2003.

FILKER, Raul. **Vico, o precursor**. São Paulo: Moderna, 1994.

FREUD, Sigmund. *“O futuro de uma ilusão”* in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XXI. Traduzido por ABREU, José Octávio de Aguiar. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

_____. *“Por que a guerra?”* in **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XXII. Traduzido por SALOMÃO, Jayme. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

_____. **A interpretação dos sonhos**. Traduzido por OLIVEIRA, Walderedo Ismael de. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

GANTEFÜHRER-TRIER, Anne. **Cubismo**. Traduzido por OBST, Ana Margarida. Köln: Taschen, 2005.

GARCÍA-BERMEJO, José Maria Faerna. **Francis Bacon**. Traduzido por SILVEIRA, Ênio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GAUER, Ruth Maria Chittó. **A Modernidade Portuguesa e a Reforma Pombalina de 1772**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. *“Cumplicidade entre idéias científicas, história e antropologia”* in **Revista Histórica**. Porto Alegre: s/e, 2001, n. 05.

_____. *“Da diferença perigosa ao perigo da igualdade”* in **Civitas: Revista de Ciências Sociais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, n.01.

_____. *“Alguns aspectos da fenomenologia da violência”* in **A Fenomenologia da Violência**. Organizado por GAUER, Gabriel José Chittó; GAUER, Ruth Maria Chittó. Curitiba: Juruá, 2003.

_____. *“Conhecimento e aceleração (mito, verdade e tempo)”* in **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Organizado por GAUER, Ruth Maria Chittó. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2004.

_____. *“A interdisciplinariedade e o mundo da inovação”* in **Sobre interdisciplinariedade**. Organizado por CANCELLI, Elisabeth; GAUER, Ruth Maria Chittó. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

_____. **O Reino da Estupidez e o Reino da Razão**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Traduzido por CABRAL, Álvaro. Rio de Janeiro: LTC, s/d.

HAGEN, Rose-Marie; HAGEN, Rainer. **Francisco Goya**. Traduzido por Philos, Lda. Köln: Taschen/Paisagem, 2004.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade**. Traduzido por VERONESE, Maria Adriana Veríssimo. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HALL, Stuart. *“A questão multicultural”* in **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organizado por SOVIK, Liv. Traduzido por RESENDE, Adelaine La Guardia; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; ÁLVARES, Cláudia; RÜDIGER, Francisco; AMARAL, Sayonara. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. *“Quem precisa da identidade?”* in **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Organizado por SILVA, Tomaz Tadeu da. Traduzido por SILVA, Tomaz Tadeu da. Petrópolis: Vozes, 2005.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo: do Big Bang aos buracos negros**. Traduzido por TORRES, Maria Helena. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. **O universo numa casca de noz**. Traduzido por KORYTOWSKI, Ivo. São Paulo: Mandarim, 2001.

_____. **Os gênios da ciência: sobre os ombros de gigantes: as mais importantes descobertas da física e da astronomia**. Traduzido por ROCHA, Heloísa Beatriz Santos; MORICONI, Lis Lemos Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

HAWKING, Stephen; MLODINOW, Leonard. **Uma nova história do tempo**. Traduzido por ASSIS, Vera de Paula. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HEINRICH, Christoph. **Claude Monet**. Traduzido por VALENTE, Jorge Manuel Pinheiro. Köln: Taschen/Paisagem, 2005.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Traduzido por SANTARRITA, Marcos. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

_____. **A Era do Capital: Europa 1848-1875**. Traduzido por NETO, Luciano Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **A Era dos Impérios: 1875-1914**. Traduzido por CAMPOS, Sieni Maria; TOLEDO, Yolanda Steidel de. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Traduzido por TEIXEIRA, Maria Tereza Lopes; PENCHEL, Marcos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **A Revolução Francesa**. Traduzido por TEIXEIRA, Maria Tereza Lopes; PENCHEL, Marcos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JABOR, Arnaldo. **O Ocidente esqueceu Hiroshima e Nagasaki**. Disponível em: <<http://www.geocities.com/cronistaarnaldo/hiroshima.htm?200531>>. Acesso em: 31 ago. 2005.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à História da Arte**. Traduzido por CAMARGO, Jefferson Luiz. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JUNQUEIRA, Ivan. “*Eliot e a Poética do Fragmento*” in ELIOT, T. S. **Obra Completa: Poesia**. Traduzido por JUNQUEIRA, Ivan. São Paulo: Arx, 2004.

KAFKA, Franz. “*Graco, o Caçador*” in **Contos, Fábulas e Aforismos**. Traduzido por SILVEIRA, Ênio. São Paulo: Civilização Brasileira, s/d.

_____. “*Um Médico de Aldeia*” in **Contos, Fábulas e Aforismos**. Traduzido por SILVEIRA, Ênio. São Paulo: Civilização Brasileira, s/d.

_____. “*Uma fabulazinha*” in **Contos, Fábulas e Aforismos**. Traduzido por SILVEIRA, Ênio. São Paulo: Civilização Brasileira, s/d.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Traduzido por ROHDEN, Valerio; MOOSBURGER, Udo Baldur. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Traduzido por SÜSSEKIND, Pedro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KLINGSÖHR-LEROY, Cathrin. **Surrealismo**. Traduzido por VILLANUEVA, Ambrosio Berasain; GRATACÒS I GRAU, Mariona. Köln: Taschen, 2004.

KLOSSOWSKY, Pierre. **Nietzsche e o círculo vicioso**. Traduzido por LENCASTRE, Hortência. Rio de Janeiro: Pazulin, 2000.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Traduzido por BOEIRA, Beatriz Vianna; BOEIRA, Nelson. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Traduzido por HENRIQUES, Luiz Sérgio. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

LEVINAS, Emmanuel. “*A Ontologia é fundamental?*” in **Entre nós: Ensaios sobre a alteridade**. Traduzido por PIVATTO, Pergentino Stefano; KUIAVA, Evaldo Antônio; NEDEL, José; WAGNER, Luiz Pedro; PELIZOLLI, Marcelo Luiz. Petrópolis: Vozes, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Traduzido por MELLO, Léo; LEITE, Julieta. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

LÖWY, Michael. **Barbárie e modernidade no século 20**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/fsmrn/biblioteca/71_michel_lowy2.html>. Acesso em: 15 ago. 2005.

LYOTARD, Jean-François. **O inumano: considerações sobre o tempo**. Traduzido por SEABRA, Ana Cristina; ALEXANDRE, Elisabete. Lisboa: Estampa, 1997.

MACHADO, Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Nietzsche e a polêmica sobre “O nascimento da tragédia”**. Organizado por MACHADO, Roberto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária: ensaio de antropologia política**. Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **Entre o bem e o mal: compêndio de subversão pós-moderna**. Traduzido por CHAVES, Joana. Lisboa: Piaget, 2002.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Traduzido por MENEZES, Maria de Lourdes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MANN, Thomas. **Schopenhauer, Nietzsche, Freud**. Traduzido por PASCUAL, Andrés Sanchez. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

MARTIN, Sylvia. **Futurismo**. Traduzido por VILLANUEVA, Ambrosio Berasain. Köln: Taschen, 2005.

MARTINS, Rui Cunha. “*O paradoxo da demarcação emancipatória: a fronteira na era da sua reprodutibilidade icônica*” in **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Quarteto, n. 59, 2001.

_____. **Das fronteiras da Europa às fronteiras da idéia de Europa (o argumento paradigmático e o argumento integrador)**. Coimbra: Quarteto, 2004.

MELO NETO, João Cabral de. **A Educação pela Pedra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**. Traduzido por MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, s/d.

_____. **Fenomenologia da percepção.** Traduzido por MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **A prosa do mundo.** Traduzido por NEVES, Paulo. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne.** Traduzido por NEVES, Paulo; PEREIRA, Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MEURIS, Jacques. **Magritte.** Traduzido por CARAMÉS, Carlos. Köln: Taschen, 2004.

MILLER, Arthur I. **Insights of Genius: imagery and creativity in science and art.** Nova Iorque: Copernicus, 1996.

_____. **Einstein, Picasso: space, time, and the beauty that causes havoc.** Nova Iorque: Basic Books, 2001.

MINK, Janis. **Duchamp.** Traduzido por CAMARÉS, Carlos. Köln: Taschen, 2004.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia.** Tomo I. Traduzido por GONÇALVES, Maria Stela; SOBRAL, Adail; BAGNO, Marcos; CAMPANÁRIO, Nicolás Nyimi. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Dicionário de Filosofia.** Tomo III. Traduzido por GONÇALVES, Maria Stela; SOBRAL, Adail; BAGNO, Marcos; CAMPANÁRIO, Nicolás Nyimi. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Traduzido por SILVA, Catarina Eleonora F. da; SAWAYA, Jeanne. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **O método 5: a humanidade da humanidade.** Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **O método 6: ética.** Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Traduzido por LISBOA, Eliane. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NÉRET, Gilles. **Dalí.** Traduzido por FILIPE, Lucília. Köln: Taschen, 2002.

_____. **Manet.** Traduzido por BOLÉO, João Bernardo. Köln: Taschen, 2003.

_____. **Auguste Rodin: esculturas e desenhos.** Traduzido por OLIVEIRA, Sandra. Köln: Taschen/Paisagem, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Traduzido por MARINS, Alex. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **A gaia ciência.** Traduzido por SOUZA, Paulo César de. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais.** Traduzido por SOUZA, Paulo César de. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres.** Traduzido por SOUZA, Paulo César de. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém.** Traduzido por SILVA, Mário da. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Traduzido por MORÃO, Artur. Lisboa: Edições 70, 2005.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo.** Traduzido por GUINSBURG, J. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NUNES, João Arriscado. *“Reportórios, configurações e fronteiras: sobre cultura, identidade e globalização”* in **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: Quarteto, n. 43, 2001.

OST, François. **O Tempo do Direito.** Traduzido por OLIVEIRA, Maria Fernanda. Lisboa: Piaget, 1999.

PAIS, Abraham. **“Sutil é o Senhor...”: a ciência e a vida de Albert Einstein.** Traduzido por PARENTE, Fernando; ESTEVES, Viriato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

PARTSCH, Susanna. **Klee.** Sem menção ao tradutor. Köln: Taschen/Paisagem, 2005.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza.** Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

_____. *“O reencantamento do mundo”* in **A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo.** Traduzido por FEIO, Luís Couceiro. Lisboa: Piaget, 1996.

_____. *“Flecha do tempo e o fim das certezas”* in **As chaves do século XXI.** Traduzido por FEIO, Luís Couceiro. Lisboa: Piaget, 2000.

_____. **As leis do caos.** Traduzido por FERREIRA, Roberto Leal. São Paulo: UNESP, 2002.

RIBEIRO JÚNIOR, João. **O que é nazismo.** São Paulo: Brasiliense, 2005.

RIMBAUD, Arthur. **Iluminuras: gravuras coloridas.** Traduzido por LOPES, Rodrigo Garcia; MENDONÇA, Maurício Arruda. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Uma Temporada no Inferno & Iluminações.** Traduzido por IVO, Lêdo. Rio de Janeiro: Barléu, 2004.

RODIN, Auguste. **A Arte: Conversas com Paul Gsell.** Traduzido por BARRETO, Anna Olga de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

RODIN, Auguste; RILKE, Rainer Maria. **Momentos de Paixão**. Traduzido por BARRENTO, João; JUSTO, José Miranda; SILVA, Isabel Castro. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Traduzido por BRAGA, Rita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SHLAIN, Leonard. **Art & Physics: parallel visions in space, time and light**. Nova Iorque: Perennial, 2001.

SIMMEL, Georg; SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Traduzido por SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold; RIOS, Sebastião; SCHMIDT, Clarissa. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Razões Plurais: itinerários da racionalidade no século XX: Adorno, Bergson, Derrida, Levinas, Rosenzweig**. Porto Alegre: EDIPUCRS, s/d.

_____. **Totalidade & Desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. *“Alteridade & Pós-Modernidade: sobre os difíceis termos de uma questão fundamental”* in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. *“Da neutralização da diferença à dignidade da alteridade: estações de uma história multicentenária”* in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. *“O delírio da solidão: o assassinato e o fracasso original”* in **Sentido e Alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Metamorfose e extinção – sobre Kafka e a patologia do tempo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

_____. *“Humanismo e alteridade – a filosofia frente à radicalidade do desafio humano”* in **O Humanismo Latino no Brasil de Hoje**. Organizado por JÚNIOR, Arno Dal Ri; PAVIANI, Jayme. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2001.

_____. *“Justiça, Liberdade e Alteridade Ética: sobre a questão da radicalidade da justiça desde o pensamento de E. Levinas”* in **Justiça e Política: homenagem a Otfried Höffe**. Organizado por OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de; SOUZA, Draiton Gonzaga de. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. **Ética como fundamento: uma introdução à ética contemporânea**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno**. Traduzido por ANDRADE, Angela Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

TERRIN, Aldo Natale. **O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade**. São Paulo: Paulus, 2004.

TOTA, Antônio Pedro; BASTOS, Pedro Ivo de Assis. **História Geral**. São Paulo: Nova Cultural, 1994.

VICO, Giambattista. **Principios de ciencia nueva**. Volume I. Barcelona: Folio, 2002.

VIRILIO, Paul. **A inércia polar**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

_____. **A velocidade da libertação**. Traduzido por CORDEIRO, Edmundo. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

“O resto do tempo” in **Para navegar no século XXI: tecnologias do _____, imaginário e cibercultura**. Organizado por MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. Traduzido por SILVA, Juremir Machado da. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2003.

WALTHER, Ingo F. **Obras-primas da pintura Ocidental: uma história da arte em 900 estudos**. Traduzido por CURVELO, Teresa. Köln: Taschen, 2002.

WARNCKE, Carsten-Peter. **Picasso**. Traduzido por TOMAZ, Fernando. Köln: Taschen, 2004.

WESTFALL, Richard S. **A vida de Isaac Newton**. Traduzido por RIBEIRO, Vera. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.